

**Curso de Mestrado Profissional
Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais**

LEONI DE SOUZA BELATO

SATISFAÇÃO DAS COMUNIDADES DA ESTRADA DE FERRO CARAJÁS (EFC).

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável do Programa de Mestrado Profissional em Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais do Instituto Tecnológico Vale (ITV).

Orientador: José Aroudo Mota, Dr.

Belém - PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B426

Belato, Leoni de Souza

Satisfação das comunidades da Estrada de Ferro Carajás (EFC) / Leoni de Souza Belato – Belém, 2019.

57 f.: il.

Dissertação (mestrado) -- Instituto Tecnológico Vale, 2019.

Orientador: José Aroudo Mota, Dr.

1. Satisfação – Psicologia.
2. Felicidade - Psicologia.
3. Comunidades – Estrada de Ferro Carajás (EFC). I. Título.

CDD.23 ed. 158

Bibliotecário (a) responsável: Nisa Gonçalves CRB 2 - 525

LEONI DE SOUZA BELATO

SATISFAÇÃO DAS COMUNIDADES DA ESTRADA DE FERRO CARAJÁS (EFC).

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável do Programa de Mestrado Profissional em Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais do Instituto Tecnológico Vale (ITV).

Orientador: José Aroudo Mota, Dr

Data da aprovação: 30/10/2018

Banca examinadora:

José Aroudo Mota
Orientador – Instituto Tecnológico Vale (ITV)

Jorge Manuel Felipe
Membro interno – Instituição (ITV)

Ruth Helena Cristo Almeida
Membro externo – Instituição (UFRA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Edmilson Belato, minha mãe Eliana Belato, e toda minha Família.

Dedico também ao Mestrado de “Uso sustentável dos recursos naturais em regiões tropicais” do Instituto Tecnológico Vale – ITV, e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foram a melhor experiência da minha formação.

RESUMO

Ao longo dos séculos, filósofos e pessoas comuns refletiram sobre o tipo de vida que vale a pena viver. Desse modo, o tema felicidade tem perpassado diversos campos do saber humano e tem proporcionado debates acalorados entre acadêmicos, mas a realidade é diversa e ultrapassa os muros da academia. Por isso, a pesquisa de campo é importante para avaliar os degraus que envolvem o tema da felicidade humana, desde a análise de bem-estar objetivo, de cunho utilitarista, ao entendimento subjetivo, cujo teor repousa em critérios de imaterialidade das coisas e reflete assim, toda a gama de coisas que tornam a vida digna de viver. Por outro lado, morar ao longo da Estrada de Ferro Carajás (EFC) se presume que a família, vivendo em comunidade, não tem o direito pético de usufruir do bem-estar, seja objetivo ou subjetivo, e viver com dignidade. Por isso, a proposição desta pesquisa foi analisar a percepção das famílias quanto à satisfação com a vida na comunidade e inferir quais os fatores que podem explicar estatisticamente o quão satisfeito estão por morar ao longo da estrada de Ferro Carajás. Em escala estilo Likert, sendo 1 pouco satisfeita e 5 muito satisfeita, o indicador médio foi de 3,85 pontos, cujos fatores são: escolaridade, renda, ruído, ferrovia, moradia, religião, tranquilidade e relações.

Palavras-chave: Satisfação. Felicidade. Bem-estar. Comunidades. Estrada de Ferro Carajás (EFC).

ABSTRACT

Over the centuries, philosophers and common people have pondered the kind of life worth living. Thereby, the theme of happiness has been through several fields of human knowledge and has provided heated debates among academics, but the reality is diversified and goes beyond the walls of academia. Therefore, the research field is important to evaluate the steps that involve the theme of human happiness, from the objective well-being analysis, by utilitarian perspective, to the subjective understanding, related to the immateriality of things and thus reflecting the whole range of things that make life worth living. On the other hand, assuming that the family is living in community at the Carajás Railroad (EFC). They do not have the right to enjoy well-being, whether objective or subjective, and to live with dignity. Therefore, the purpose of this research is analyze the perception of families regarding satisfaction with life in the community and to infer which factors can statistically explain how satisfied they are to live along the Carajás Railroad (EFC). In a Likert-style scale, which was 1 to not satisfied and 5 to very satisfied. The average indicator was 3.85 points, whose factors are: schooling, income, train noise, railroad, housing, religion, tranquility and relationship with relatives.

Keywords: Satisfaction. Happiness. Wellbeing. Communities. Carajás Railroad (EFC).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Classificação geral do bem-estar	17
Figura 2 - Características de pessoas felizes.....	29
Figura 3 - Localização dos municípios e comunidades ao longo da Estrada de Ferro Carajás (EFC)	38
Figura 4 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC.	43
Figura 5 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC no cluster do Pará.	44
Figura 6 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC no cluster do Maranhão, exceto São Luís.	44
Figure 7 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, da EFC, no cluster de São Luís do Maranhão.	46
Tabela 1 - Resultados do modelo de regressão linear múltiplo para as comunidades da EFC.	42
Gráfico 1 - Distribuição dos graus de satisfação com a vida na comunidade por tipologia.....	47
Gráfico 2 - Médias dos graus de satisfação por nível de escolaridade	48
Gráfico 3 - Grau de satisfação por escolaridade e nível de ruído do trem.	49
Gráfico 4 - Grau de satisfação por escolaridade e grupo religioso.....	50
Quadro 1 - Satisfação de Vida x Felicidade	225
Quadro 2 - Descrição das variáveis do modelo de satisfação das comunidades da EFC.....	41

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DS – Desenvolvimento Sustentável

EFC – Estrada de Ferro Carajás

ITV – Instituto Tecnológico Vale

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PNFC - Projeto Norte Ferro Carajás

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	UM PANORAMA SOBRE O BEM-ESTAR	14
2	OBJETIVOS	18
2.1	OBJETIVO GERAL	18
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
3	COMPONENTES AFETIVOS: SENTIMENTOS POSITIVOS E NEGATIVOS	19
3.1	COMPONENTES COGNITIVOS: SATISFAÇÃO DE VIDA E SATISFAÇÃO COM DOMÍNIOS ESPECÍFICOS	19
3.1.1	Satisfação de Vida	19
3.1.2	Satisfação com Domínios Específicos	20
3.1.2.1	Satisfação com os Relacionamentos de Amizades	21
3.1.2.2	Satisfação com o Trabalho e com os Colegas de Trabalho	22
3.1.2.3	Satisfação com os Relacionamentos Íntimos	23
3.1.2.4	Satisfação com o Relacionamento Familiar	23
3.2	FELICIDADE	24
3.2.1	Autoestima	29
3.2.2	Otimismo	29
3.2.3	Extroversão	30
3.2.4	Sensação de Domínio e Controle	30
3.3	A ECONOMIA DA FELICIDADE	31
3.4	DIMENSÕES DO BEM-ESTAR	32
3.4.1	Bem-estar Físico	33
3.4.2	Bem-estar Psicológico ou Emocional	33
3.4.3	Bem-estar Social	33
3.4.4	Bem-estar Intelectual ou Cognitivo	34

3.4.5	Bem-estar Espiritual	34
3.4.6	Bem-estar Ocupacional	35
3.4.7	Bem-estar Ambiental	35
3.4.8	Bem-estar Cultural	36
3.4.9	Bem-estar Econômico	36
3.4.10	Bem-estar Climático	37
4	MATERIAL E MÉTODO DE PESQUISA	37
4.1	ÁREA DE ESTUDO	37
4.2	MATERIAL DE PESQUISA	39
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
5.1	ANÁLISES DO MODELO DE SATISFAÇÃO DAS COMUNIDADES DA EFC	41
5.2	CARACTERIZAÇÕES GERAIS DA SATISFAÇÃO COM A VIDA NA COMUNIDADE	43
6	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

1.1 UM PANORAMA SOBRE O BEM-ESTAR

O termo bem-estar, tão propagado pelos economistas neoclássicos a partir de 1930, significa um nível de satisfação que alguma coisa proporciona na melhoria de qualidade de vida do ser humano, cuja origem está ancorada na teoria da utilidade dos marginalistas, como balizamento de melhores condições de vida para uma pessoa ou família. Esta utilidade é medida em termos individuais e pode ser agregada para grupos sociais distintos como uma métrica do quão satisfeita está em relação a algo, ou a alguma coisa que permite um prazer material, uma satisfação momentânea ou um prazer constante e duradouro com rendimento crescente ou decrescente.

O bem-estar pode ser associado à percepção do indivíduo quanto a sua situação no contexto da sua cultura e dos valores da sociedade onde ele vive, e também é totalmente relacionado com os objetivos, expectativas e interesses do indivíduo (DIENER, 2000). Por esta definição fica claro que o conceito de bem-estar é multidimensional e que incorpora a percepção do sujeito sobre os diversos aspectos de suas vidas.

A contribuição de Jeremy Bentham (1871, p.14), reflete melhor a discussão sobre a filosofia do utilitarismo, na qual o comportamento humano é descrito como motivado pelo prazer e a dor como soberanos da governança da natureza que aprova ou desaprova todas as ações. Em teoria, a utilidade pode ser somada entre os indivíduos para determinar o bem-estar social. No entendimento de Stanton (2007, p. 4) “Bentham também postulou o que acabaria por ser conhecida como a diminuição da utilidade marginal dos bens e, por extensão, renda ou riqueza: a ideia é que cada nova unidade de qualquer coisa acrescenta à sua utilidade um pouco menor do que a última”. Somem-se as contribuições dos marginalistas Walras, Jevons e Menger ao entendimento e extensão da teoria da utilidade como mecanismo de satisfação humana. Seguindo o trabalho de Arthur Cecil Pigou, os marginalistas restringiram sua análise às necessidades da vida, usando o dinheiro como uma medida monetária do bem-estar, assim, se concentrou nos aspectos mais materiais do bem-estar, especialmente com a percepção de que a renda adicional era mais útil e se traduziu em aumento da satisfação humana.

Mas, Sen (2000, p. 3), em sua obra *‘The Standard of living’* amplia o conceito para um entendimento pluralista do bem-estar, afirmando que.

“Existem muitas formas fundamentalmente diferentes de ver a qualidade de vida, e algumas delas têm plausibilidade imediata. Você poderia estar bem, sem estar bem. Você poderia estar bem, sem ser capaz de liderar a vida que você queria. Você poderia ter a vida que você queria, sem ser feliz. Você poderia ser feliz, sem ter muita liberdade. Você poderia ter uma boa liberdade, sem conseguir muito. Podemos continuar”.

A situação em viver em condições de humildade, com poucos recursos materiais e exposto as intempéries e ao abandono de políticas públicas do Estado, não significa que as comunidades estejam em constante insatisfação, pois existem períodos de regozijo com a família e a vizinhança. Como afirma Sen (1988, p. 40) “uma pessoa que teve uma vida de infortúnios, com pouquíssimas oportunidades e quase sem esperança, pode conformar-se mais facilmente com as privações do que outras que foram criadas em circunstâncias mais afortunadas e abastadas”. Por isso, do ponto de vista de Sen *op. cit.* “a métrica da felicidade pode, portanto, distorcer o grau de privação, de um modo específico e tendencioso”, pois:

“O mendigo desesperançado, o trabalhador agrícola sem-terra, a dona de casa submissa, ou o desempregado calejado podem, todos, sentir prazer com pequeninos deleites e conseguir suprimir o sofrimento intenso diante da necessidade de continuar a sobreviver, estratégia de sobrevivência”

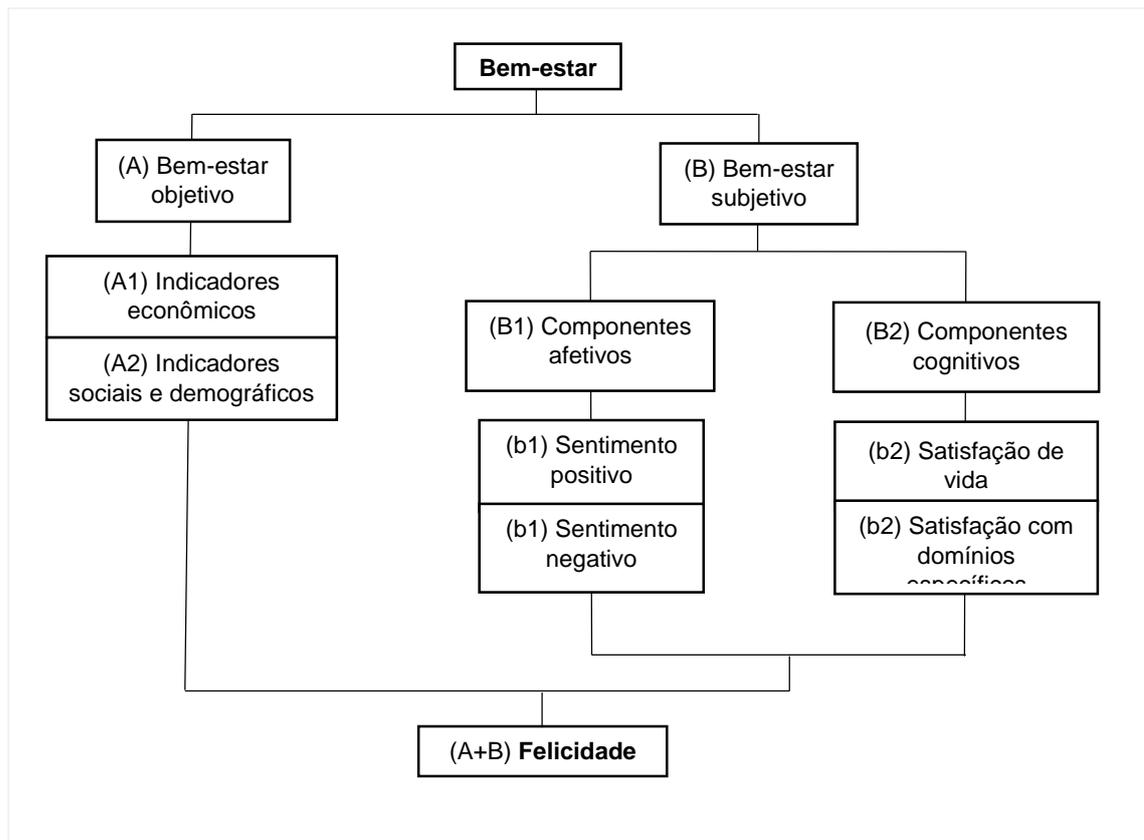
Na visão da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2015) o enfoque para medir o bem-estar humano tem várias características que devem ser consideradas: a pessoa, por extensão a família, está no centro da avaliação, cujo foco é a sua vida e sua experiência de bem-estar; em termos de sistema, o importante é considerar a saída como produto do bem-estar (por exemplo, anos de estudos ou último grau de escolaridade do entrevistado) e não nos insumos usados para se atingir o produto; os resultados são objetivos, isto é, são observados por terceiros, e intrinsecamente subjetivos isto é, somente a pessoa que está respondendo a pesquisa pode relatar seus sentimentos internos; considera a distribuição dos resultados de bem-estar em toda a população como uma característica importante, incluindo disparidades associadas à idade, gênero, educação e renda.

Porém, na observação destas tipologias não devem ser negligenciadas as liberdades instrumentais, as quais contribuem para que as pessoas possam viver como desejariam. Com esta perspectiva, Sen (2010, p. 30-31) propõe tipos de liberdades instrumentais, com destaque para as liberdades políticas, *inter alia* (ampla

liberdade de expressão e participação política); uso de facilidades econômicas (recursos econômicos com propósito de produção, consumo ou troca); acesso as oportunidades sociais (com o objetivo de ampliar as capacidades de viver melhor a partir do acesso à educação, saúde); as garantias de transparências (estabelecimento de confiança na comunidade e criação de inibidores contra a corrupção, irresponsabilidade financeiras e transações ilícitas); e criação de segurança protetora (rede de proteção social com o objetivo de reduzir a fome e estabelecer uma justa distribuição de benefícios). Portanto, conclui que:

“À contribuição do crescimento econômico tem de ser julgada não apenas pelo crescimento de rendas privadas, mas também pela expansão de serviços sociais (incluindo, em muitos casos, redes de segurança social) que o crescimento econômico pode possibilitar”.

De um modo geral Pereira e Engelman (1993) propuseram uma classificação estrutural do bem-estar e de seus componentes, que pode ser organizado como ilustra a Figura 1. Nesta classificação, o bem-estar é formado por dois componentes: o bem-estar objetivo e o subjetivo. O bem-estar objetivo possui dois subcomponentes: o bem-estar econômico (que está relacionado a salário e renda) e o bem-estar sociodemográfico (que se refere à moradia, saúde, alimentação, educação, lazer e outros); já o bem-estar subjetivo se divide em dois componentes: os afetivos (relacionados ao sentimento positivo e sentimento negativo) e os cognitivos (satisfação de vida e com domínios específicos).

Figura 1 – Classificação geral do bem-estar.

Fonte: Adaptado de Pereira (1997).

Pereira (1997) escreveu sobre os principais indicadores do bem-estar subjetivo, que são: sentimento afetivo e sentimento cognitivo. O primeiro é a experiência dos sentimentos afetivos, que pode ser medida a partir da frequência de episódios positivos e negativos ocorridos num passado recente e somando todos esses componentes têm a felicidade (preponderância dos sentimentos positivos sobre os sentimentos negativos). O segundo está relacionado a uma experiência cognitiva em que o indivíduo compara sua situação atual com aquela que ele esperava estar, ou seja, o sucesso que a pessoa crê ter alcançado frente a algum objetivo desejado.

Então, o bem-estar subjetivo avalia os autos relatos de sentimentos positivos e negativos, constituindo-se no modo como as pessoas percebem-se emocionalmente. E como estimam os conteúdos dos domínios de satisfação com a vida e os julgamentos globais de satisfação de vida. Por isso, a proposição primeira desta pesquisa foi analisar a percepção das famílias quanto à satisfação com a vida na comunidade e inferir quais os fatores que podem explicar estatisticamente o quão satisfeitas estão essas famílias que moram ao longo da estrada de Ferro Carajás. Portanto, os objetivos são:

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a satisfação das comunidades ao longo da estrada de Ferro Carajás (EFC).

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar os fatores que influenciam o grau de satisfação com a vida na comunidade ao longo da EFC.
- Construir um modelo socioeconômico de satisfação das comunidades da EFC.

3 COMPONENTES AFETIVOS: SENTIMENTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

A dimensão afetiva é interpretada pelos sentimentos positivos e negativos. Os sentimentos positivos compreendem os estados de ânimo considerados como positivos, tais como contentamento, alegria, prazer, otimismo, serenidade, esperança e encantamento. Por outro lado, os sentimentos negativos englobam as afecções negativas, como pessimismo, desinteresse, apatia, raiva, desesperança, medo, repulsa, tristeza e desgosto (DIENER, 1984; PEREIRA, 1997; SELIGMAN, 2004).

Para Casulo (2002), se desfrutarmos de altas doses de sentimentos positivos, isso não garante necessariamente baixas doses de sentimento negativo. Em uma revisão bibliográfica sobre o bem-estar subjetivo, Diener (1984) citou pesquisas como as de Bradburn e Caplovitz realizada em 1965, Harding de 1982, Warr de 1978, que demonstraram que, ao se comparar, ao longo do tempo, a média entre intensidade e frequência desses dois tipos de sentimentos, o resultado mostra que eles realmente são independentes, o que leva a concluir que a baixa frequência ou a falta de sentimentos negativos não leva a presença de sentimentos positivos na vida. Assim, uma pessoa que experimenta constantes sentimentos positivos não está livre de experimentar constantes sentimentos negativos e vice-versa.

Seligman (2004), mostra que os sentimentos positivos, tais como coragem, lealdade, confiança e esperança são de maior importância em tempos de turbulência do que em tempos tranquilos. Com isso, pressupõe-se que, mesmo diante de sentimentos negativos, é muito importante a presença dos sentimentos positivos.

3.1 COMPONENTES COGNITIVOS: SATISFAÇÃO DE VIDA E SATISFAÇÃO COM DOMÍNIOS ESPECÍFICOS

3.1.1 Satisfação de Vida

A satisfação de vida pode ser definida como a avaliação global de uma pessoa sobre sua vida (DIENER *et al.*, 1991). Esta definição sugere que, ao fazer essa avaliação, a pessoa examine todos os aspectos de sua vida, ponderando os momentos em que alcançou o que buscou ou não, chegando a um julgamento global de sua satisfação. Segundo Suh, Diener e Fujita (1996), espera-se, nessa avaliação, que as pessoas realizem um julgamento geral de suas vidas sem deixar que seus

estados emocionais, resultantes de situações recentes, interfiram em suas apreciações.

“Os indivíduos comparam eles mesmos a múltiplos padrões incluindo outras pessoas, condições passadas, aspirações, níveis ideais de satisfação, e com necessidades ou objetivos. //As avaliações da satisfação são baseadas na discrepância entre a situação atual e esses padrões”
(DIENER *et al.*, 1999, p. 282).

Além disso, na visão de Diener, quando a situação vivenciada pelo sujeito está acima dos seus padrões de comparação, haverá uma baixa satisfação de vida, e se a sua situação estiver no mesmo nível ou acima de seus padrões de comparação terá uma alta satisfação de vida. Indo mais além, pressupõem-se que quanto mais alta estiver sua situação atual em comparação com os padrões, maior será seu nível de satisfação. Desta forma, a satisfação de vida pode ser entendida como a percepção do indivíduo quanto a sua situação no contexto da sua cultura e dos valores da sociedade onde se vive, e também em relação aos próprios objetivos, expectativas, padrões e interesses (FREIRE, 2001).

A satisfação de vida representa, portanto, a dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo. Então, cabe destacar que a literatura mostra que a satisfação de vida não está completamente isenta de algumas influências afetivas e, apesar da satisfação de vida ser uma avaliação predominantemente cognitiva, é claro que os sentimentos positivos e negativos podem exercer alguma influência na avaliação que o indivíduo faz de sua vida e, por esse motivo, é possível que algumas pessoas façam julgamentos da satisfação de vida pensando apenas em suas horas de bom humor em detrimento do tempo passado de mau-humor, ou vice versa.

Então a satisfação caracteriza-se, principalmente, por uma sensação de realização, ou seja, de ter alcançado uma meta no seu momento de vida. E também é concebida como o grau em que um indivíduo julga a qualidade geral de sua vida como um todo favorável. Em outras palavras: quão bem ele gosta da vida que ele conduz.

3.1.2 Satisfação com Domínios Específicos

Os domínios específicos é o julgamento cognitivo que a satisfação de vida usa para tratar de assuntos como saúde, trabalho, condições de moradia, relações sociais e autonomia, ou seja, um processo de juízo e avaliação geral da própria vida de acordo com um critério próprio. Segundo Argyle e Martin (1987,1991), os relacionamentos

interpessoais, por oferecerem suporte, influenciam os sentimentos positivos, a satisfação de vida e ainda podem prevenir o estresse. Na origem dos afetos positivos, a maior parte deles provém de relacionamentos íntimos como estar apaixonado, estar entre os familiares, amigos ou entre crianças pequenas. Uma das principais origens da satisfação é a qualidade dos relacionamentos e a quantidade de afetos, intimidade, confidências.

Algumas pesquisas vêm demonstrando uma forte correlação entre felicidade e relações interpessoais, onde pessoas relatam estarem mais felizes na presença dos cônjuges, dos filhos, dos pais, de parentes ou amigos próximos (CSIKZENTMIHALYI, 1992; ARRINDELL, LUTEIJN, 2000; MYERS, 2000; CHAN, JOSEPH, 2000; GONÇALVES, PEREIRA, 2007). Deste modo, estar ou não na companhia de outras pessoas faz uma grande diferença na qualidade da experiência, pois promove um bem-estar geral. No entanto, cabe ressaltar que não basta estar na companhia de outras pessoas, sendo necessário também saber conviver bem com elas.

3.1.2.1 Satisfação com os Relacionamentos de Amizade

Estudos, como os de Reich e Zautra (1981), têm mostrado que o aumento dos contatos sociais leva ao aumento da felicidade, enquanto que a diminuição desses contatos conduz à infelicidade.

“Estar ligado a amigos com quem podemos compartilhar pensamentos íntimos tem dois efeitos, observou Francis Bacon, filósofo do século XVII: “Dobra as alegrias e corta as dores pela metade” (MYERS, 2000, p. 325).

A amizade é uma importante forma de receber suporte social e gerar bem-estar. Isso se dá principalmente porque somos nós quem escolhemos nossas amizades, escolhendo as pessoas com as quais nos identificamos, que compartilhamos ideias, comportamentos e personalidade.

De acordo com Csikzentmihalyi (1992), a amizade é considerada mais importante em duas fases da vida em especial: na adolescência, quando aquela é o principal relacionamento, e na velhice, principalmente depois da aposentadoria e do afastamento da função social. Entre esses dois períodos, a família, o casamento e o trabalho roubam o tempo das amizades. A adolescência é um período conturbado onde o jovem passa por uma fase de transformações, quando deixa de ser criança e

começa a ter outros comportamentos, sendo muito comum nessa época se associarem em grupos, onde os amigos se tornam muito importantes, mesmo porque os conflitos familiares são bastante comuns. Na velhice, muitas vezes, os idosos se unem a pessoas na mesma situação para receber suporte social.

De acordo com Argyle e Martin (1991), as pessoas precisam de amigos pelas seguintes razões: ajuda de diversos tipos, informação, suporte social na forma de conselhos, compartilhar as confidências e dividir atividades interessantes, como jogar e sair juntos. Esse mesmo autor, em 1987, também ressaltou que um dos principais papéis das amizades é o de prevenir o estresse, a ansiedade e a baixa autoestima proveniente da solidão. É muito comum no dia a dia buscar refúgio nos amigos quando há algum problema na vida sentimental ou profissional.

3.1.2.2 Satisfação com o Trabalho e com os Colegas de Trabalho

De acordo com Argyle e Martin (1991) e Diener *et al.*, (1999), as pessoas que trabalham parecem ter um sentimento geral de felicidade maior do que as desempregadas, isto não só porque gera uma certa estabilidade financeira, mas porque o trabalho traz alguns benefícios embutidos como conhecimento, identidade, *status* e normalmente promove suporte social positivo. Sendo assim, as pessoas desempregadas, quando comparadas com as empregadas, possuem maiores níveis de estresse e baixa satisfação de vida.

O trabalho pode gerar satisfação por diversas razões como prestígio, salário, benefícios, ocupação, cargo, entre outras coisas. No entanto, na maioria das vezes, para que se tenha um bom salário, benefícios e prestígio, o trabalho é uma função que requer responsabilidade e longas jornadas. Neste sentido, relacionar-se bem com os colegas de trabalho pode trazer o alívio do estresse, da ansiedade e do cansaço. Com os colegas de trabalho é possível relaxar na hora do almoço ou nos intervalos para os cafezinhos, colaborando com algum impasse profissional ou até mesmo mudando o foco da atenção para outros assuntos com menor importância, como por exemplo, um jogo de futebol ou uma novela (ARGYLE; MARTIN, 1991). Resumindo, o trabalho, muitas vezes, pode se tornar cansativo e exaustivo por razões diversas, tais como, longas jornadas, trabalho repetitivo, responsabilidades e, a presença de colegas de trabalho ajuda a diminuir o estresse.

3.1.2.3- Satisfação com os Relacionamentos Íntimos

Autores como Myers (2000) e Csikzentmihalyi (1992) escrevem que, de modo geral, os relacionamentos íntimos contribuem menos para as doenças e mais para saúde e a felicidade, isto talvez possa ser explicado porque estar com um companheiro faz com que as pessoas fumem e bebam menos, compartilhem mágoas e aumentem a autoestima.

Alguns estudos vêm mostrando que as pessoas que contam com um relacionamento íntimo são pessoas mais felizes. De acordo com Argyle (1987), os relacionamentos íntimos proporcionam estimulação, intimidade sexual, autodescoberta, carinho mútuo e compreensão.

Muitas pesquisas revelam que a maioria das pessoas são mais felizes quando comprometida do que quando descomprometida. Porém, mais importante do que ser casado, é a qualidade do casamento. As pessoas que dizem que seus casamentos são satisfatórios e que se descobrem ainda mais apaixonadas por seus parceiros a cada dia que passa, quase nunca informam serem infelizes, descontentes com a vida ou deprimidas. Felizmente, a maioria das pessoas casadas declara que seu casamento é 'muito feliz'. Como consequência, a maioria dessas pessoas sente-se feliz com a vida como um todo (ARGYLE; MARTIN, 1991).

3.1.2.4 Satisfação com o Relacionamento Familiar

Historicamente, Ariès (1981, p. 231) “a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental”. O autor se refere à idade média onde os casamentos se realizavam principalmente a serviço de alianças políticas e econômicas, e os filhos dependiam de seus pais para terem herança e *status*. A apenas poucas décadas atrás, os divórcios eram raros, não porque maridos e esposas se amassem mais, mas porque havia um amplo jogo de interesses, onde os maridos precisavam de alguém para cozinhar e arrumar a casa, enquanto as esposas precisavam de alguém que trouxesse dinheiro para casa.

Esta situação vem mudando, e hoje são muito raros, pelo menos na cultura ocidental, os casamentos arranjados, e as famílias se unem e permanecem assim principalmente por interesses emocionais. Assim, a família moderna, com todos seus problemas, abre novas possibilidades para experiências ótimas que eram muito mais difíceis de surgirem em épocas anteriores.

Quando Warr e Payne (1982, *apud* MYERS, 2000) perguntaram a uma amostra representativa de adultos britânicos o que os estressara no dia anterior, a resposta mais frequente foi a família. E o estresse, como já se sabe, pode deprimir o sistema imunológico e agravar alguns problemas de saúde, como a doença cardíaca. Nessa mesma pesquisa, os pesquisadores indagaram sobre o que acarretara momentos de prazer e satisfação também no dia anterior e, por uma margem ainda maior, a resposta mais frequente foi de novo a família.

Segundo Csikszentmihalyi (1995), quando uma família possui um objetivo comum e canais de comunicação abertos, quando proporciona, de maneira gradativa, oportunidades crescentes de ação, num ambiente de confiança, a vida familiar gera satisfação.

3.2 FELICIDADE

Tendo definido o que é satisfação de vida, agora vamos estabelecer uma diferença fundamental entre satisfação e felicidade. A satisfação frente a algum domínio de vida que ocorre quando “a pessoa acredita haver obtido resultados esperados frente a suas necessidades, aspirações ou expectativas”. Já a felicidade é “a predominância da frequência de ocorrência de experiências emocionais positivas sobre as negativas”. (CAMPBELL *et al* 1976).

A satisfação de vida representa um julgamento sobre o que pretendemos alcançar e o que acreditamos ter alcançado e, a felicidade expressa um conjunto de emoções positivas que experimentamos no decorrer de nossas vidas. Sendo assim, podemos ter pessoas satisfeitas e felizes; pessoas satisfeitas e infelizes; insatisfeitas e felizes; e insatisfeitas e infelizes. Dessa maneira, é correto afirmar que uma pessoa pode ser feliz e insatisfeita ou vice-versa, como ilustra o Quadro 1.

Analisando o Quadro 1, podemos encontrar quatro tipos de pessoas: (1) as realizadas, que é resultado da combinação entre felicidade e satisfação; (2) as esperançosas, quando o sujeito está feliz, porém insatisfeito; (3) as resignadas, representada pela pessoa sendo infeliz, porém satisfeita; e (4) as frustradas, quando a pessoa está infeliz e insatisfeita

Quadro 1 - Satisfação de Vida x Felicidade

	Felizes	Infelizes
Satisfeitas	Realizadas	Resignadas
Insatisfeitas	Esperançosas	Frustradas

Fonte: Adaptado de Campbell, Converse e Rodgers, (1976).

A pesquisa sobre o tema felicidade vem florescendo nos últimos anos (DIENER, 2000; DIENER, BISWAS-DIENER, 2002). Um dos principais objetivos da humanidade é a busca da felicidade, a qual é entendida de duas formas: na primeira, a felicidade é compreendida como acessível a todos; enquanto na segunda, é acessível somente àqueles que sabem ler e escrever. Então, verifica-se que os entendimentos acerca da felicidade, que usualmente são considerados, são proposições contraditórias. Na primeira, há a defesa de que todos podem ser felizes; na segunda, há a defesa de que nem todos podem ser felizes, apenas os letrados. Então, a filosofia busca o fundamento da felicidade que possa ser justificável e aplicável em todos (RUSSELL, 1930).

Na antiguidade, dentre os mais antigos pensadores neste tema, Demócrito um filósofo pré-socrático, argumentava que a felicidade consistia numa vida feliz, que dá prazer, não pelo o que a pessoa feliz possui, mas sim pelo do modo como ela reage às circunstâncias da vida. Porém, esta ideia foi abandonada por séculos devido a perspectiva de felicidade eudemônica de Sócrates, Platão e Aristóteles, que se referia a posse de grande quantidade de bens, sugerindo que uma vida feliz ou boa está em fazer o que é certo e virtuoso, alcançando seus próprios objetivos, assim, usando e desenvolvendo os seus próprios talentos e habilidades independentemente dos sentimentos em qualquer classe social (SELIGMAN 2002). Para Aristóteles, a felicidade consiste na realização pessoal do total de seu potencial, que está na confluência de realização das habilidades individuais e as atividades que desenvolvem tais habilidades num contexto social propício a essa possibilidade. Sendo assim, a felicidade é o sentir o aprimoramento das próprias qualidades, é a excelência experiência. Sendo assim, neste panorama, o prazer passa a não ser um elemento central. Diener *et al.*, (1995) observam o contrário para os hedonistas como Aristippus, onde a felicidade era simplesmente a soma de muitos prazeres

momentâneos, sendo o objetivo da vida a procura do prazer adaptando as circunstâncias a si próprio e mantendo o controle sobre a adversidade e a prosperidade.

Modernamente o conceito é introduzido na declaração da independência dos Estados Unidos da América, no século XVIII, onde afirmava o direito dos cidadãos à vida, à liberdade, e à procura da felicidade. No Brasil, o termo felicidade não é utilizado na constituição federal, mas sim a tarja bem-estar e qualidade de vida, presentes na seção denominada Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), Artigo 79 afirma que é instituído, para vigorar até o ano de 2010, no âmbito do Poder Executivo Federal, o fundo de combate e erradicação da pobreza, a ser regulado por lei complementar com o objetivo de viabilizar a todos os brasileiros acesso a níveis dignos de subsistência, cujos recursos serão aplicados em ações suplementares de nutrição, habitação, educação, saúde, reforço de renda familiar e outros programas de relevante interesse social aplicados na melhoria da qualidade de vida.

Felicidade é um conceito de senso comum, ou seja, o modo de pensar da maioria das pessoas e significa o conhecimento adquirido pelo homem a partir de experiências, vivências e observações do mundo adaptada a linguagem do dia a dia. Por isso, o seu estudo científico é mais complexo, e o uso no senso comum não facilita a discussão, para saber o que é a felicidade. Por esta razão muitos pesquisadores evitam o uso deste termo preferindo o uso de termos mais específicos, enquanto outros o usam dado as suas raízes históricas e populares (DIENER, 2006). Como afirma Diener (2000), coloquialmente, se utiliza o termo felicidade para designar o bem-estar subjetivo. É genericamente assumido que a felicidade é um componente decisivo da boa vida (DIENER; LUCAS; SCOLON, 2006). As críticas sobre o mérito de se estudar este constructo têm sido discutidas e criticadas, mas sempre salientando a sua importância para a psicologia (MYERS, DIENER, 1995; NORRISH, VELLA-BRODRICK, 2008).

Jones (*apud* FREEDMAN, 1978, p. 4), disse uma vez que "a felicidade pertence a essa categoria de palavras, do qual todos sabem o significado, mas a definição de que ninguém pode dar". Embora a felicidade possa ter significados diferentes para as pessoas, a maioria concorda que é uma palavra que irradia o brilho (PARDUCCI, 1995), isto é, um sentido penetrante e duradouro de que a vida tem que possuir um significado, algo que contribua com um sentimento superior da vida (MYERS, 1992).

Para estudar esta construção, às vezes evasiva, os pesquisadores alcançaram um modesto acordo sobre como deve ser medido e definido. A definição mais amplamente aceita é a de Diener e grupos de pesquisa correlatos, que preferem usar o bem-estar subjetivo, definindo-o como uma combinação de satisfação de vida, um julgamento cognitivo (aquisição do conhecimento que se dá por meio da percepção e compreensão) e o equilíbrio da frequência de efeito positivo e negativo (ou seja, efeito hedônico) (DIENER *et al.*, 1985).

O hedônico busca melhorar a felicidade ao aperfeiçoar o relacionamento entre resultados externos, escolhas e experiências. A hedonomia desafia duas suposições comumente realizadas: Em primeiro lugar, aumentar os resultados externos desejados (como a riqueza) que conseqüentemente aumenta a felicidade e, em segundo lugar, a suposição de que as pessoas escolhem o que as torna felizes. Correspondentemente, estuda como os resultados externos realmente afetam a felicidade e quando as decisões não conseguem maximizar a felicidade. Uma melhor compreensão desses tópicos permitirá que os indivíduos maximizem sua própria felicidade, mantendo a renda, bens materiais e outros objetivos constantes (DIENER, 2000).

Quando uma situação externa muda, as pessoas podem primeiro se sentir fortemente a mudança, mas com a passar do tempo, os sentimentos desaparecem. Por exemplo, quando uma pessoa se move pela primeira vez de um pequeno apartamento para um grande (ou de um grande apartamento para um pequeno), ela será feliz (ou infeliz), mas com a passar do tempo, sua felicidade (ou infelicidade) se afasta. Este processo é chamado de adaptação hedônica (FREDERICK; LOEWENSTEIN, 1999) e acontece sob uma ampla gama de condições, como ganhar na loteria (BRICKMAN; COATES; JANOFF-BULMAN, 1978), casando-se (LUCAS *et al.*, 2003), e / ou uma alteração na saúde (BRICKMAN, COATES, JANOFF-BULMAN, 1978; PATTERSON, 1993; RIIS *et al.*, 2005; SCHULZ, DECKER, 1985; TYC, 1992) ou status profissional (WILSON *et al.*, 2000)

A adaptação hedônica é determinada de forma múltipla. Uma razão para a adaptação hedônica é a habituação psicofísica básica, é a área da ciência que estuda as relações entre as sensações subjetivas e os estímulos físicos e estabelece relações quantitativas entre eles. (HELSON, 1964). Um torna-se menos sensível a um estímulo, do que aquele que já está a mais tempo com o estímulo. Outro motivo é a

diluição da atenção, por exemplo, quando o membro júnior do corpo docente for titular, ele ficara primeiro cheio de alegria, mas, em pouco tempo, muitas outras coisas, tais como, novos deveres administrativos e estudos, vão preencher sua atenção e a promoção é apenas um dos dez mil eventos que vão afetar sua vida. Um terceiro motivo para a adaptação hedônica é o que Wilson *et al.*, (2000) referem-se como uma ordenação. Uma vez que um evento afetivo acontece, as pessoas tendem a racionalizá-lo, vê-lo como um fato comum e, por isso, diminuir seu efetivo impacto. Isso pode acontecer tanto em eventos positivos como negativos. Por exemplo, se um membro do corpo docente júnior receber um convite para ser efetivado, ela pode dizer para si mesma, "não é nenhuma surpresa, eu merecia, mas se o mandato for negado, ela pode dizer a si mesma, quem se importa, eu nunca quis estar nesse departamento".

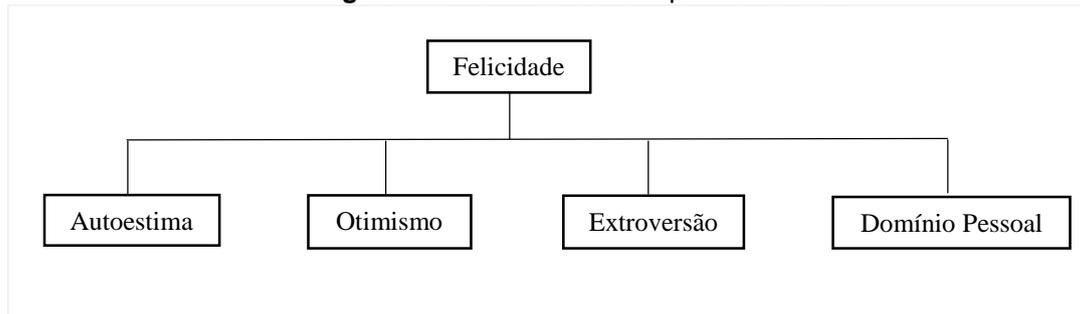
Embora a adaptação hedônica pareça onipresente, os diferentes eventos estão associados a diferentes taxas de adaptação (DIENER, LUCAS, SCOLLON, 2006; FREDERICK, LOEWENSTEIN, 1999; SCHREIBER, KAHNEMAN, 2000; SMITH, *et al.*, 2008). Eventos incertos são mais resistentes à adaptação do que certos eventos. Por exemplo, Kurtz, Wilson e Gilbert (2007) descobriram que um presente de uma fonte misteriosa (condição incerta) cria uma felicidade mais duradoura do que um presente que venha de uma fonte conhecida (condição certa).

Levando em consideração o que foi descrito sobre o conceito de felicidade, Pereira (1995), apontou alguns itens que podem contribuir para aumentar a felicidade: ter uma boa vida social; ter um bom relacionamento familiar; desenvolver alguma atividade física; atividade sexual; cantar; dançar; possuir algum animal de estimação; ler.

Porém, sem ter a intenção de listar uma receita para a felicidade, Myers (2000) também apontou alguns itens que se correlacionam com a felicidade tais como, saborear o momento (prestar mais atenção aos pequenos detalhes do dia-dia); assumir as rédeas do controle do seu tempo (organizar o tempo do dia de acordo com seus objetivos e dividir as tarefas em pequenas etapas); agir como se estivesse feliz (é o mesmo sem estar feliz tentar sorrir, mesmo que seja momentâneo); procurar trabalho e lazer que absorva suas habilidades; juntar-se ao movimento pelo movimento (o engajamento em alguma atividade física pode ajudar a melhorar sintomas de ansiedade e depressão leve); dormir (mesmo levando uma vida ativa é necessário reservar um tempo para o sono e para ficar sozinho); dar prioridade aos

relacionamentos íntimos, o qual significa passar a agir de uma maneira mais amorosa com o(a) parceiro(a); cuidar da alma, ou seja, buscar a religiosidade e a fé. Estas atividades podem contribuir para elevar o número de afetos positivos e diminuir os afetos negativos, aumentando assim a felicidade. De acordo com Myers e Diener (1995), quatro características se destacam para caracterizar pessoas felizes (Figura 2).

Figura 1 - Características de pessoas felizes.



Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018

3.2.1 Autoestima

Existe consenso maior quanto à definição de autoestima. A autoestima tem sido definida como um sentimento global de autoestima ou adequação como pessoa, ou sentimentos generalizados de auto aceitação, bondade e auto respeito (COOPERSMITH, 1967; CROCKER, MAJOR, 1989; ROSENBERG, 1965, WYLIE, 1979). Este julgamento de cunho global e digno de uma pessoa é caracterizado como uma avaliação do componente de si própria e distinto da autoestima coletiva ou racial (CROCKER; MAJOR, 1989). De acordo com Epstein (1973), as pessoas têm uma necessidade básica de auto-estima, e, pelo menos nas culturas ocidentais, usam inúmeras estratégias para mantê-la (DUNNING, LEUENBERGER, ALLMAN, 1995; TAYLOR, BROWN, 1988; DIENER, 1995; MARKUS, KITAYAMA, 1991). As formas de como a autoestima é desde o início do desenvolvimento permanece ainda constante, e ao longo do tempo são relativamente imunes às mudanças.

3.2.2 Otimismo

O otimismo amplia as vias de pensamento, ter resiliência, auto aceitação e relações positivas desenvolve uma boa saúde física, por exemplo, (FREDRICKSON, 2013). Por outras palavras, sentir-se bem não permite somente um funcionamento ideal como poderá manifestar um indicador de um processo de florescimento na jornada da vida.

No geral, a ciência psicológica tenta compreender não só as patologias do ser humano, mas também as características positivas da vida, refletindo de um modo geral o que torna a vida digna de ser vivida. E os psicólogos que seguem a abordagem positiva agem mais focados nas motivações e nas capacidades fortes dos sujeitos. Ou seja, compreendem o processo do otimismo, amor, inteligência emocional, altruísmo, esperança, alegria, satisfação, resiliência e não tanto as respostas comportamentais da depressão, ansiedade, angústia ou agressividade (GABLE; HAIDT, 2005). Os níveis individuais procuram compreender as experiências subjetivas que assentam no bem-estar, como as de felicidade e de satisfação, os momentos que ocorrem em um passado, e também, as situações de esperança e otimismo numa visão antecipatória futura que engloba o momento presente (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000).

3.2.3 Extroversão

Extroversão é um importante componente da personalidade humana que está relacionada à forma como as pessoas interagem com os demais e quão comunicativas, falantes, ativas, assertivas, responsáveis e gregárias elas são. Costa Jr. e Widiger (1993) indicaram que extroversão se refere à quantidade e à intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de se alegrar. Pessoas com elevados escores em extroversão tendem a ser sociáveis, ativas, falantes, otimistas e afetuosas. Indivíduos com escores baixos em extroversão tendem a ser reservados, sóbrios, indiferentes, independentes e quietos. Introversos não são necessariamente pessoas infelizes ou pessimistas, mas não são dados aos estados de espírito exuberantes que caracterizam os extrovertidos.

3.2.4 Sensação de Domínio e Controle

A sensação de domínio e controle diz respeito ao controle percebido pelo sujeito e caracteriza-se, de uma maneira geral, pelas inferências causais atribuídas pelos indivíduos e as suas consequências. Em relação aos efeitos que essa percepção produz nos indivíduos, observa-se que o domínio, o controle e a compreensão que os sujeitos têm das causas que determinam os eventos de suas vidas relacionam-se à motivação, ao desempenho de competências, aos níveis de

saúde emocional (bem-estar, autoestima, depressão e outros fatores) e às estratégias de ação utilizadas. Ou seja, as pessoas que atribuem seus sucessos aos seus esforços ou atributos pessoais tendem a desenvolver mais afetos positivos do que aquelas que atribuem a outras dimensões. Por outro lado, aqueles que atribuem seus fracassos a uma falta de esforço ou de capacidade, tendem a sentirem mais afetos negativos, como ansiedade, culpa e tristeza Rodrigues e Pereira (2007).

3.3 A ECONOMIA DA FELICIDADE

A economia da felicidade considera aspectos da vida dos indivíduos, que questiona pressupostos da economia tradicional. Bruni e Zamagni (2010, p. 233), “após um século de esquecimento [...], a felicidade voltou a aparecer na economia”. Isto veio ocorrer quando iniciaram as tentativas de medir a felicidade e relacioná-la com variáveis econômicas, como renda, inflação e desemprego, bem como variáveis ambientais, sociais, psicológicas tais como poluição, crime, suicídio, obesidade, expressão, entre outras.

De acordo com Frey (2008), é a partir de 1993 que a Economia da Felicidade passou a ter amplo interesse entre os economistas. Neste ano foi organizado em Londres um simpósio sobre o tema, possibilitando que os procedimentos fossem posteriormente publicados no *The Economic Journal*. Já na década de 2000, a interface Felicidade e Economia tem sido tema de livros de conceituados autores e de acordo com Veenhoven (2005), a felicidade tem sido avaliada em cerca de 3.000 estudos empíricos, sendo que o volume de investigações tem crescido exponencialmente

Na Economia Tradicional, bem-estar é compreendido no sentido utilitarista e hedonista, sendo equiparado às condições materiais de vida dos indivíduos (renda e consumo) ou, no caso de uma nação, à renda agregada gerada em determinado período. De acordo com esta visão, o bem-estar é medido através de indicadores objetivos (DIENER, 1995).

Na Economia da Felicidade, o bem-estar é compreendido a partir de aspectos subjetivos. O bem-estar subjetivo enfatiza a avaliação que os indivíduos fazem de suas próprias vidas, isto é, o quanto pensam e sentem que suas vidas estão indo bem, em outras palavras, o quanto estão felizes ou satisfeitos com suas vidas como um todo.

Até recentemente, se uma pessoa dissesse estar feliz, os céticos diriam que é apenas um estado subjetivo, pois não havia meios para mostrar qualquer conteúdo objetivo. Porém, na atualidade há critérios científicos estabelecidos e validados capazes de medir o bem-estar subjetivo dos indivíduos (LAYARD, 2005).

Como consequência deste avanço, felicidade, para os economistas, geralmente não é definida, mas empiricamente mensurada (BRUNI; PORTA, 2007). Assim, embora não exista uma preocupação em conceituar o termo felicidade, há a perspectiva de tornar concreta a medição da felicidade ou estado de felicidade.

O economista brasileiro Eduardo Giannetti (2002, p. 59) pode sintetizar a questão ao afirmar que “[...] o propósito terreno das pessoas de carne e osso em qualquer lugar do planeta é alcançar a felicidade e fazer o melhor de que são capazes de suas vidas”. Assim, a Economia da Felicidade retoma o caráter central da felicidade para valoração da sociedade, sendo que os objetivos econômicos, políticos e sociais deveriam ser traçados de modo a aumentá-la. A felicidade é entendida então como fundamental para avaliar o bem-estar.

3.4 DIMENSÕES DO BEM-ESTAR

As pessoas estão vivendo mais, por isso os custos com cuidados a saúde estão crescendo. Westgate (1996) disse que o termo bem-estar aparece como parte de uma transformação que contribui positivamente para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. A busca pelo conhecimento sobre bem-estar se intensificou após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o surgimento das necessidades humanas. Os avanços em tecnologia e medicamentos desenvolveram vacinas e antibióticos capazes de reduzir ameaças de doenças infecciosas como a principal causa de morte (SEAWARD, 1997). No entendimento de Lalonde (1981) o bem-estar proporcionou a diminuição de doenças e demais incapacidades, que promoveram níveis adequados de atividade física, mental e social. Corbin e Pangrazi (2001) também visualizaram bem-estar como um estado multidimensional no sentido de qualidade de vida e acreditam que o bem-estar envolve um processo de integração onde engloba uma conscientização e crescimento. Por isso, os autores citados acima descrevem o bem-estar como um modo de vida onde a harmonia da mente, do corpo e do espírito é alcançada por meio da adoção de um estilo de vida do ser humano.

Neste sentido, o bem-estar é uma dimensão de vida que coopera para ampliar as capacidades e acessos a outros estados da convivência humana, tais como a

satisfação e a felicidade. Portanto, diversas dimensões para o seu entendimento são propostas, *inter alia*.

3.4.1 Bem-estar Físico

O bem-estar físico, geralmente inclui atividades física, boa alimentação e cuidados pessoais foi o primeiro a ser concedido e estudado a partir da dimensão física da saúde. Cooper (1975) estudou o relacionamento de exercícios para a saúde e a longevidade das pessoas, sobretudo como a atividade física reduziu o risco de doença do coração. Suas descobertas revolucionaram a compreensão das indústrias fitness, e avançou na compreensão da relação entre hábitos de vida, saúde e bem-estar. As empresas aproveitaram o interesse do público em melhorar a saúde e investiram em programas de perda de peso e novas academias. Helliwell (2005) descobriu que otimismo em relação à boa saúde resultou em maiores escores de bem-estar. E descobriu que a idade era de grande interesse porque alguém poderia assumir que a felicidade diminui com a idade, enquanto que, de fato, os jovens de 18 a 24 anos e os que tinham pelo menos 55 anos eram mais felizes de que todas as faixas etárias.

3.4.2 Bem-estar Psicológico ou Emocional

O bem-estar emocional é conceituado como a consciência e controle de sentimentos, bem como uma visão realista, positiva, auto avaliadora e de auto desenvolvimento da capacidade de lidar com conflitos e circunstâncias da vida, lidar com o estresse e manutenção de relacionamentos satisfatórios com outros e que o comportamento de alguém e a personalidade de alguém podem influenciar mutuamente todos os outros e afetar o bem-estar emocional (ADAMS; BEZNER; STEINHARDT, 1997). Já Helliwell (2005) considerou o bem-estar emocional como um processo contínuo que incluiu uma consciência e gestão dos sentimentos e uma visão positiva do eu, do mundo e dos relacionamentos, ou seja, o bem-estar reflete a capacidade de experimentar satisfação e curiosidade, bem como prazer na vida e ser capaz de antecipar o futuro sendo positivo ou possuir uma perspectiva otimista.

3.4.3 Bem-estar Social

O bem-estar social engloba o grau e a qualidade das interações com os outros, comunidade e natureza. Inclui à medida que uma pessoa trabalha para apoio à

comunidade e ao meio ambiente nas ações cotidianas (MILLER; FOSTER, 2010). Nesta dimensão, conforme (RENGER *et al.*, 2000), melhorar o relacionamento com os outros e estar confortável e disposto a expressar seus sentimentos, necessidades e opiniões; ter relações satisfatórias (incluindo relações sexuais) e intimidade; e a interação com o ambiente social e a contribuição para a própria comunidade estão incluídos na definição de bem-estar social. Helliwell (2005) descobriu que as pessoas casadas (homens e mulheres são mais felizes) e indivíduos separados são os menos felizes. O bem-estar social é mais amplo porque inclui a interação do indivíduo com outros, a comunidade, a natureza e o trabalho. A qualidade e a extensão dessas relações são afetadas pela motivação, ação, intenção e percepção de si mesmo e dos outros. Quanto mais os indivíduos tiverem uma rede social forte com os amigos e com a comunidade ou no trabalho, melhor será a sua saúde. O bem-estar social se relaciona fortemente ao nível de habilidades de comunicação e de conforto dentro de uma variedade de diferentes configurações ou situações.

3.4.4 Bem-estar Intelectual ou Cognitivo

Para Renger *et al.*, (2000) o bem-estar intelectual é a orientação para o crescimento pessoal, educação, realização e criatividade. Isso inclui participar de eventos culturais e oportunidades de ganhar e compartilhar conhecimento, particularmente conhecimentos locais e globais. De acordo com Hales (2005) o bem-estar intelectual representa um compromisso com a aprendizagem ao longo da vida, um esforço para compartilhar o conhecimento com os outros e desenvolvimento de habilidades para alcançar uma satisfação na vida. O bem-estar intelectual envolve a aquisição de um nível ótimo de estimulação intelectual de atividade. Este conhecimento adquirido pode ser usado ou compartilhado como raciocínio crítico, o qual se refere ao desenvolvimento de talentos e pensamento de ordem superior, tanto para o crescimento quanto para o melhoramento da sociedade.

3.4.5 Bem-estar Espiritual

O bem-estar espiritual é provavelmente um dos tópicos mais desenvolvidos e discutidos na literatura sobre o assunto. A espiritualidade e a religião não são sinônimas e os dois conceitos são inteiramente distintos um do outro. Os conceitos de crenças e valores são expressos por meio da espiritualidade pessoal (ADAMS, BEZNER, STEINHARDT, 2000; WESTGATE, 1996; HATCH *et al.*, 1998). A maioria

dos teóricos vê a religião como o meio pelo qual um ser é capaz de dirigir comportamentos para programar a própria espiritualidade. Pargament (1999) contrasta essa visão com o argumento de que a religiosidade é o conceito mais amplo e que as situações individuais variam e as generalizações não podem ser feitas facilmente. Cohen (2002) salienta que nas religiões existem diferenças na força de crenças das pessoas, as quais usam a divindade para ajudar a lidar com dificuldades do cotidiano. Hettler (1980) definiu o bem-estar espiritual como o processo de busca de significado e propósito na existência, envolvendo uma apreciação das complexidades da existência e aceita que o universo não pode ser completamente entendido quando está fora de nossa própria experiência. A profundidade e extensão de vida conhecida e desconhecida, bem como questionar o significado e propósito na vida, ao mesmo tempo em que reconhece aceita e tolera a natureza complexa do mundo que é parte do bem-estar espiritual. Isso agrega uma abordagem meditativa e harmoniosa para o bem-estar espiritual, focalizando a harmonia com o eu e os outros. Este sistema de valores busca uma visão de mundo que dá unidade, propósito e objetivos aos pensamentos e ações de indivíduos de modo que haja coesão e harmonia.

3.4.6 Bem-estar Ocupacional

Hettler (1980) e Anspaugh, Hamrick e Rosato (2004) definiram o bem-estar ocupacional como o nível de satisfação e enriquecimento obtidos pelo próprio trabalho (como expressão de valor ocupacional). O bem-estar ocupacional inclui a contribuição de habilidades, talentos e serviços para a comunidade e para o nível individual, considerando o trabalho como gratificante e significativo, seja remunerado ou não, ou seja, é a obtenção de um equilíbrio entre as responsabilidades profissionais e outros indicativos do nível de bem-estar ocupacional. O bem-estar ocupacional expressa valor e satisfação e enriquecimento do trabalho; sua atitude em relação ao trabalho e capacidade de equilibrar várias funções; e as maneiras pelas quais se podem usar as habilidades e capacidades de contribuir para a comunidade.

3.4.7 Bem-estar Ambiental

Renger *et al.*, (2000) definiu bem-estar ambiental para incluir a equilíbrio entre a vida familiar e profissional, bem como a relação do indivíduo com a natureza e

recursos comunitários. Ryff e Singer (2006) descrevem o domínio ambiental como uma dimensão de que, para aproveitar ao máximo as nossas vidas e o nosso mundo, precisamos de florescimento interpessoal. Temos de examinar não só as nossas próprias comunidades, mas estruturas políticas e governamentais. Anspaugh, Hamrick e Rosato (2004) e Hales (2005) defendem que o conceito é mais amplo, pois engloba a necessidade de considerar a segurança de abastecimento de água e de alimentos; ampliação da liberdade; violência em uma sociedade, radiação ultravioleta, poluição do ar e da água. O planejamento urbano pode afetar o bem-estar humano, por exemplo, espaço verde nas cidades pode ter um efeito positivo na saúde ao aumentar a atividade física, mas também pode criar sentimentos de relaxamento e bem-estar. Além disso, a vegetação pode melhorar a qualidade do ar removendo partículas e poluentes do ar.

3.4.8 Bem-estar Cultural

O exame das diferenças culturais em termos de bem-estar em várias nações sugere a cultura como um fator importante. Existem diferenças individuais no bem-estar subjetivo entre culturas. Além disso, há diferenças em metas e valores entre indivíduos e entre culturas, que levam a preditores específicos de bem-estar. O nosso bem-estar pode vir de numerosas circunstâncias de vida, mas as diferenças individuais têm uma grande influência, por exemplo, algumas culturas asiáticas, baseadas na harmonia, contribuem positivamente para o bem-estar subjetivo (DIENER, 2005). Schimmack (2005) afirmou que pessoas que vivem em culturas individualistas e democráticas têm níveis mais elevados de bem-estar subjetivo do que aqueles que vivem em culturas coletivistas, pobres e totalitárias e explicou ainda que culturas individualistas enfatizam a independência de indivíduos e a liberdade de escolha e que as culturas coletivistas enfatizam os deveres, as necessidades dos outros e a aceitação do destino de alguém. Consistente com estas ideias, outros estudos descobriram que a liberdade era um preditor mais forte da satisfação com a vida em culturas individualistas do que nas culturas coletivistas (DIENER *et al.*, 2009).

3.4.9 Bem-estar Econômico

Helliwell (2005, p. 4) analisa o capital social a partir de uma perspectiva global e propõe que "a análise do bem-estar fornece meios para combinar renda, emprego,

eficácia do governo, estrutura familiar e relações sociais de forma a permitir que os efeitos externos das instituições e políticas sejam avaliados”. O aumento da desigualdade de renda está associado a menores taxas de crescimento econômico (PERSSON; TABELLINI, 1994). Indivíduos que atribuem altos valores para o sucesso financeiro têm valores mais baixos para o bem-estar subjetivo, mesmo quando seus recursos financeiros e aspirações foram atendidos. Níveis mais elevados de bem-estar subjetivo não estão associados com aqueles que vivem nos países mais ricos, mas com aqueles que vivem onde as instituições sociais e políticas são eficazes, onde a confiança mútua é alta e a corrupção é baixa. Os estudos mostram consistentemente um efeito negativo do desemprego individual no bem-estar subjetivo (FREY; STUTZER, 2000; 2002).

3.4.10 Bem-estar Climático

Os efeitos potenciais das alterações climáticas a saúde é abundante. Frumkin *et al.* (2008) afirmou que preocupações incluem lesões, fatalidades e doenças infecciosas relacionadas com eventos e ondas de calor; com doenças infecciosas relacionadas a mudanças na água e nos alimentos contaminados; doenças respiratórias e cardiovasculares relacionadas com a piora da poluição do ar; além de consequências da saúde mental, deslocamento da população, e conflito civil. Há uma preocupação crescente com o clima extremo e os efeitos do aquecimento global que é visto por alguns como potencialmente fatais. Como uma ameaça comum, a mudança do clima pode proporcionar um ímpeto para a ação colaborativa dentro das comunidades. As alterações climáticas podem aproximar as comunidades em ameaça comum, ou criar instabilidade social na competição por cada vez mais recursos ambientais escassos.

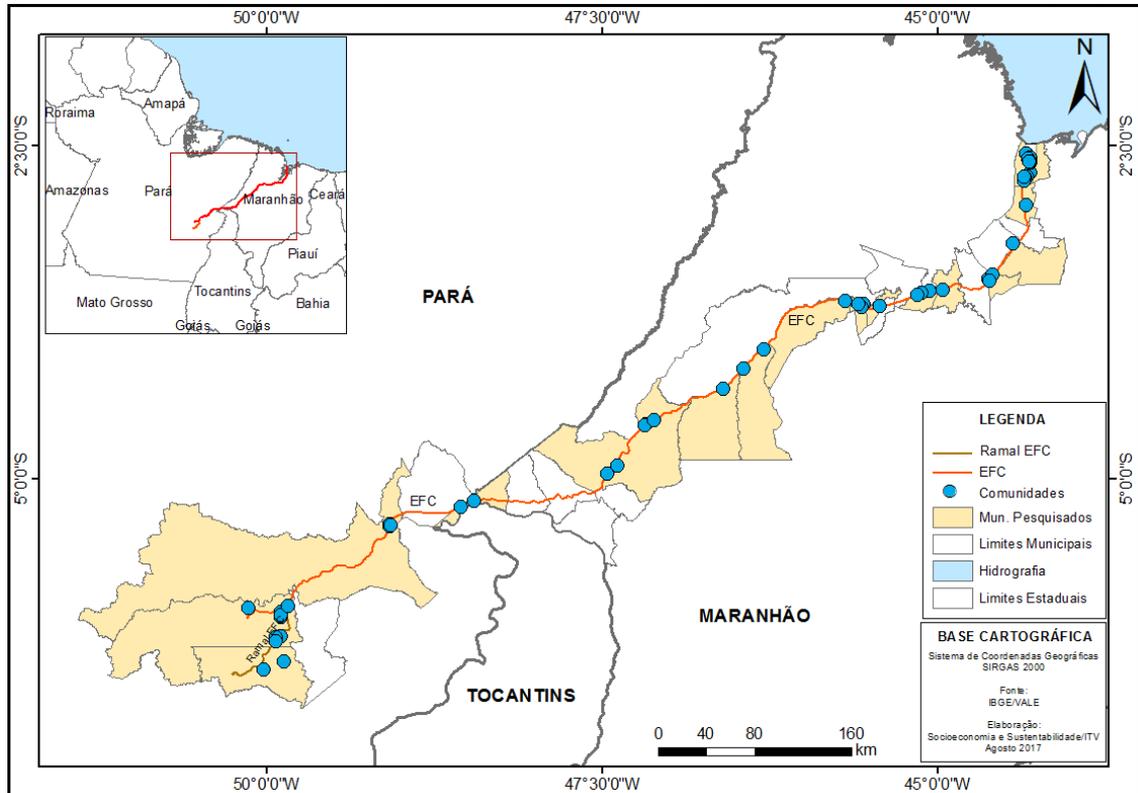
4 MATERIAL E MÉTODO DE PESQUISA

4.1 ÁREA DE ESTUDO

A Estrada de Ferro Carajás (EFC), inaugurada em 1985, construída com o objetivo de interligar a mina de ferro do Projeto Norte Ferro Carajás - PNFC, em Parauapebas no estado do Pará ao Terminal Portuário da Ponta da Madeira, em São Luís do Maranhão. Possui 1008 Km de extensão e passa por 28 municípios, sendo 5 localizados no estado do Pará e 23 no estado do Maranhão. Forma um conjunto de

49 comunidades prioritárias estudadas neste documento, as quais estão distribuídas nos Estados do Pará e Maranhão (Figura 3).

Figura 2 - Localização dos municípios e comunidades ao longo da Estrada de Ferro Carajás (EFC)



Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018

No Estado do Pará são identificadas 13 comunidades prioritárias distribuídas nos municípios de Canaã dos Carajás, Parauapebas e Marabá. Em Canaã dos Carajás está localizada a comunidade Nova Jerusalém e Vila Bom Jesus; em Parauapebas estão presentes as comunidades, Fazenda Juazeiro, APA do Gelado, Onalício Barros, Fazenda Santo Antônio Boa Esperança, Nova Vitoria, Palmares Sul, Tropical I e II e Jardim Ipiranga, Palmares II; e no município de Marabá encontram-se as comunidades Bairro km7, Bairro Araguaia e Bairro Alzira Mutran (Anexo B).

No Estado do Maranhão são identificadas 36 comunidades, localizadas nos municípios de Tufilândia, Bacabeira, Pindaré Mirim, São Pedro da Água Branca, Igarapé do Meio, Miranda do Norte, Itapecuru Mirim, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Açailândia, Vitória do Mearim, Alto Alegre do Pindaré e São Luís. Em Tufilândia estão localizadas as comunidades Atraca, Serrinha e Borgea; em Bacabeira está localizada a comunidade Periz de Cima; em São Pedro da Água Branca estão

as comunidades Cabeça Gorda e Primeiro Cocal; em Igarapé do Meio encontram-se as comunidades Vila diamante, São Vicente e São Benedito; em Miranda do Norte estão localizadas as comunidades Água preta, Água Branca e Cariongo III; em Itapecuru Mirim está localizada a comunidade Monge Belo; em Bom Jesus das Selvas está localizada a comunidade Nova vida; em Buriticupu estão localizadas as comunidades Vila Pindaré (Presa de Porco) e Vila Casa Azul; em Açailândia estão localizadas as comunidades Assentamento Novo Oriente, Vila Ildemar, Piquiá de Baixo, Assentamento Francisco Romão e Assentamento Agro Planalto; em Vitória do Mearim está localizada a comunidade Acoque; em Alto Alegre do Pindaré, está localizada a comunidade Marmorama; em São Luís estão localizadas as comunidades Juçara, Vila Maranhão, Estiva, Vila Samara, Inhaúma, Coqueiro, Pedrinhas, Vila Jacu, Sitinho, Vila Conceição, Gapara e Fumacê (Anexos C e D).

4.2 MATERIAL DE PESQUISA

Com o objetivo de analisar a satisfação das comunidades que residem ao longo da Estrada de Ferro Carajás (EFC) foi aplicado um *survey* em 1.906 residências, composto de questões sobre migração das famílias para o entorno da Ferrovia; características do domicílio (englobando emprego, composição da renda, acesso aos programas sociais e condições da moradia); conhecimentos e vocações socioeconômicas (práticas e habilidades para o trabalho); avaliação da vida na comunidade (aspectos positivos e negativos em morar no local); percepção da comunidade em relação à Ferrovia de Carajás (aspectos positivos e negativos da Ferrovia, uso do trem como meio de transporte, presença de acidentes na Ferrovia, gestão e problemas relacionados ao barulho e vibração e oportunidades de geração de emprego e renda patrocinada pela Ferrovia); perfil do entrevistado e o quão estão satisfeito com a sua vida na comunidade. Com o auxílio de bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em diversas modalidades de bolsas de pesquisa, os comunitários foram visitados em três expedições à EFC, na condição de *cross sectional* (fase I: de 02 a 19 de agosto de 2016; fase II: de 03 a 12 de maio de 2017 e Fase III: de 18 a 30 de maio de 2017), cujas amostras foram estimadas com 95% de confiabilidade e 3,5% de erro e a coleta de dados ocorreu nas residências paralelas à Ferrovia, cuja escolha foi de forma aleatória. O *survey* foi elaborado com uma escala Likert variando no intervalo de 1

(pouco satisfeito) a 5 (muito satisfeito) com o objetivo de responder à pergunta de pesquisa:

Quais as variáveis que influenciam o grau de satisfação com a sua vida na comunidade?

Como extensão a esta pergunta de pesquisa, a principal inferência a analisar é avaliar quais os fatores ou variáveis que influenciam o grau de satisfação das comunidades. Um modelo de regressão linear múltiplo (SPSS - Statistical Package for the Social Sciences) foi usado no estudo para avaliar a relação entre a variável dependente (variável Y ou regressando: satisfação com a vida na comunidade) e vetores de variáveis independentes ou explicativas (variáveis regressoras: demais variáveis do *survey* de pesquisa); o termo (ε) é chamado de distúrbio ou erro do modelo e os β_i os parâmetros estimados para o modelo. A forma genérica do modelo de regressão é definida em sua construção clássica e sujeita às hipóteses do modelo de regressão linear (Green, 2003, p. 10).

$$\begin{aligned} Y &= f(X_1, X_2, \dots, X_k) + \varepsilon \\ &= X_1\beta_1 + X_2\beta_2 + X_k\beta_k + \varepsilon \end{aligned}$$

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 ANÁLISES DO MODELO DE SATISFAÇÃO DAS COMUNIDADES DA EFC

O modelo de satisfação com a vida na comunidade foi testado com as variáveis do *survey* de pesquisa aplicado nas expedições realizadas ao longo da EFC, cuja equação é demonstrada a seguir, em que os β_i são os parâmetros estimados para as variáveis conforme é demonstrado no Quadro 2 e Tabela 1, respectivamente.

$$S = \beta + \beta_0 E_0 + \beta_1 R_1 + \beta_2 R_2 + \beta_3 F_3 + \beta_4 M_4 + \beta_5 R_5 + \beta_6 T_6 + \beta_7 R_7$$

$$S = 3,359 - 0,171E_0 + 0,264R_1 - 0,230R_2 + 0,136F_3 + 0,186M_4 + 0,197R_5 + 0,445T_6 + 0,264R_7$$

Quadro 2 - Descrição das variáveis do modelo de satisfação das comunidades da EFC.

Variável (*)	Descrição das variáveis selecionadas
Satisfação	S = grau de satisfação com a vida na comunidade, em escala Likert, variando no intervalo de 1 (pouco satisfeito) a 5 (muito satisfeito).
Escolaridade	E_0 = escolaridade do entrevistado; variando de ensino fundamental ao curso de pós-graduação.
Renda	R_1 = condição de renda da família; 0, a família não tem renda e 1, a família tem renda, seja renda monetária ou não monetária.
Ruído	R_2 = nível de ruído ou barulho do trem como um problema ambiental; 0, pouco nível de ruído e 1, pelo menos moderado nível de ruído.
Ferrovia	F_3 = efeito da oferta direta ou indireta de emprego e oportunidade de trabalho.
Mora	M_4 = a propriedade que a família mora é própria; 0, não é própria e 1, é própria.
Religião	R_5 = o entrevistado faz parte de algum grupo religioso; 0, não faz parte e 1, faz parte de algum grupo religioso.
Tranquilidade	T_6 = tranquilidade e segurança como aspecto positivo em morar na comunidade; 0, a comunidade é tranquila e 1, a comunidade não é tranquila.
Relação	R_7 = laços sociais, relação com a família, amigos e vizinhança como aspecto positivo em morar na comunidade; 0, a relação não é positiva e 1, a relação é positiva.

Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018. Obs.: (*) foram testadas 58 variáveis independentes que supostamente explicam a 'Satisfação', mas somente as constantes neste Quadro foram selecionadas, pois apresentaram nível de significância de até 5%, indicando pela rejeição da hipótese nula.

A Tabela 1 apresenta os resultados do modelo de regressão múltiplo para a variável 'satisfação com a vida na comunidade', em que os resultados dos testes 't', F

são significantes ao nível de 5%; o diagnóstico de multicolinearidade sinaliza não haver problema de correlação entre as variáveis independentes e a estatística de D-W aponta para a ausência de auto correlação dos resíduos.

Os sinais dos betas estimados estão de acordo com a teoria que suporta o problema, sinalizando que, ao nível de 5% de significância, e em condições *ceteris paribus*, os menores níveis de escolaridade e ruído ou barulho do trem tendem a elevar o grau de satisfação com a vida na comunidade; em termos de sobrevivência e proteção socioeconômico, possuir renda (seja proveniente de atividade formal ou informal ou acesso aos programas de governo, tais como bolsa família ou aposentadoria) ou ter acesso a atividade de emprego e renda proporcionado pela Ferrovia ou por empresas contratadas pela Ferrovia (de forma direta ou indireta), aumenta a percepção da satisfação com a vida na comunidade; como direito pético ou fundamentado em base sólida, possuir uma casa ou ter a propriedade de sua própria moradia aumenta a satisfação com a vida na comunidade; participar de algum grupo religioso, ter fortes laços familiares e de vizinhança e morar em uma comunidade tranquila e segura contribui para aumentar a satisfação com a vida em comunidade.

Tabela 1 - Resultados do modelo de regressão linear múltiplo para as comunidades da EFC.

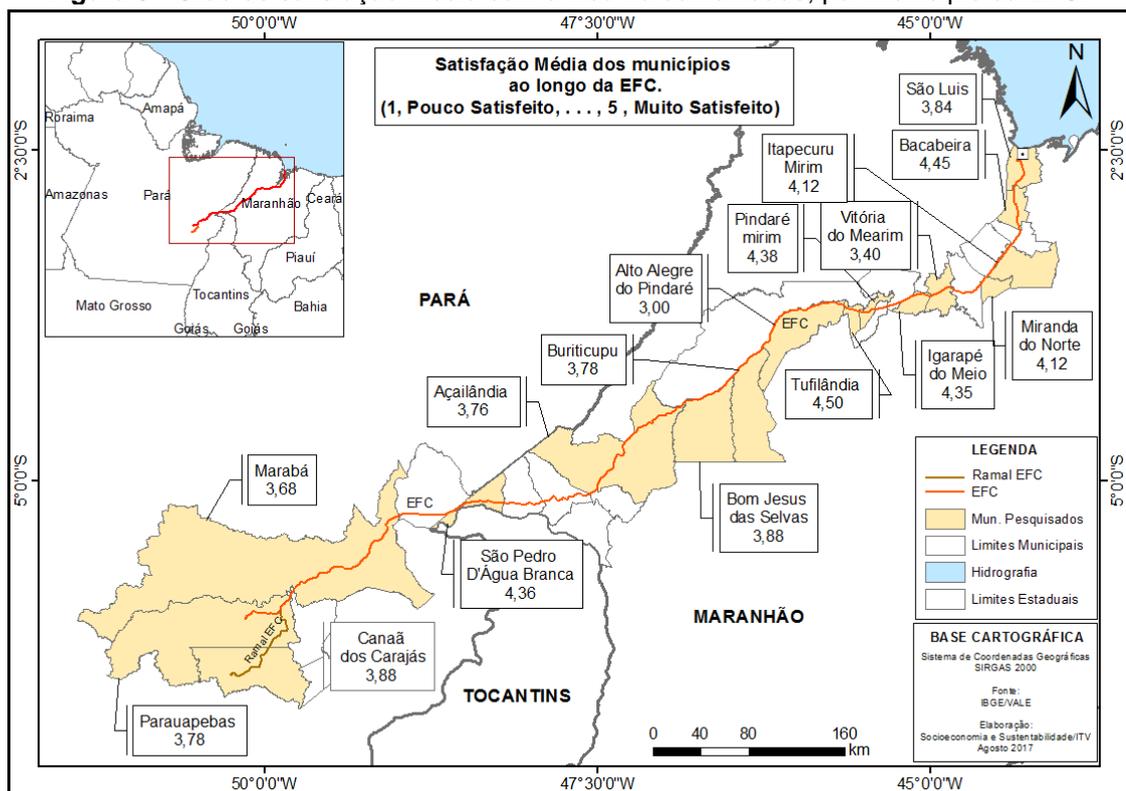
$S = \beta + \beta_0 E_0 + \beta_1 R_1 + \beta_2 R_2 + \beta_3 F_3 + \beta_4 M_4 + \beta_5 R_5 + \beta_6 T_6 + \beta_7 R_7$				Diagnóstico de multicolinearidade		
Variável	Betas	t	Sig	Tol	VIF	CI
Constante	3,359	22,309	0,000	1,000
Escolaridade	-0,171	-4,512	0,000	0,994	1,006	2,300
Renda	0,264	2,020	0,044	0,995	1,005	2,654
Ruído	-0,230	-3,974	0,000	0,993	1,007	2,897
Ferrovia	0,136	2,105	0,035	0,990	1,010	3,026
Morar	0,189	3,179	0,002	0,974	1,026	4,056
Religião	0,197	3,401	0,001	0,982	1,019	5,002
Tranquilidade	0,445	7,460	0,000	0,837	1,194	6,635
Relação	0,264	3,147	0,002	0,847	1,181	16,041
R ² ajustado = 0,060	DW	1,859	F Anova	16,094	Sig =	0,00

Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

5.2 CARACTERIZAÇÕES GERAIS DA SATISFAÇÃO COM A VIDA NA COMUNIDADE

Um panorama geral do “grau de satisfação com a vida na comunidade”, por município, é apresentado na Figura 4 (anexo I), cujo total de 1.906 residências foram pesquisadas em um amplo *survey* amostral, cujo indicador de satisfação média é de 3,85 pontos de escore na escala Likert de 1 a 5 pontos. Em contraste ao estado do Pará (cujas atividades minerárias são extrativistas e tem recebido os maiores benefícios do produto da mineração ao longo do tempo, além de taxas, impostos e demais repartição de benefícios, apresenta um indicador de satisfação de 3,74 pontos), o estado do Maranhão (com a responsabilidade de embarcar o minério para exportação, cujo indicador consolidado é de 3,90 pontos) apresenta as melhores pontuações de satisfação das comunidades que residem ao longo da EFC.

Figura 3 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC.

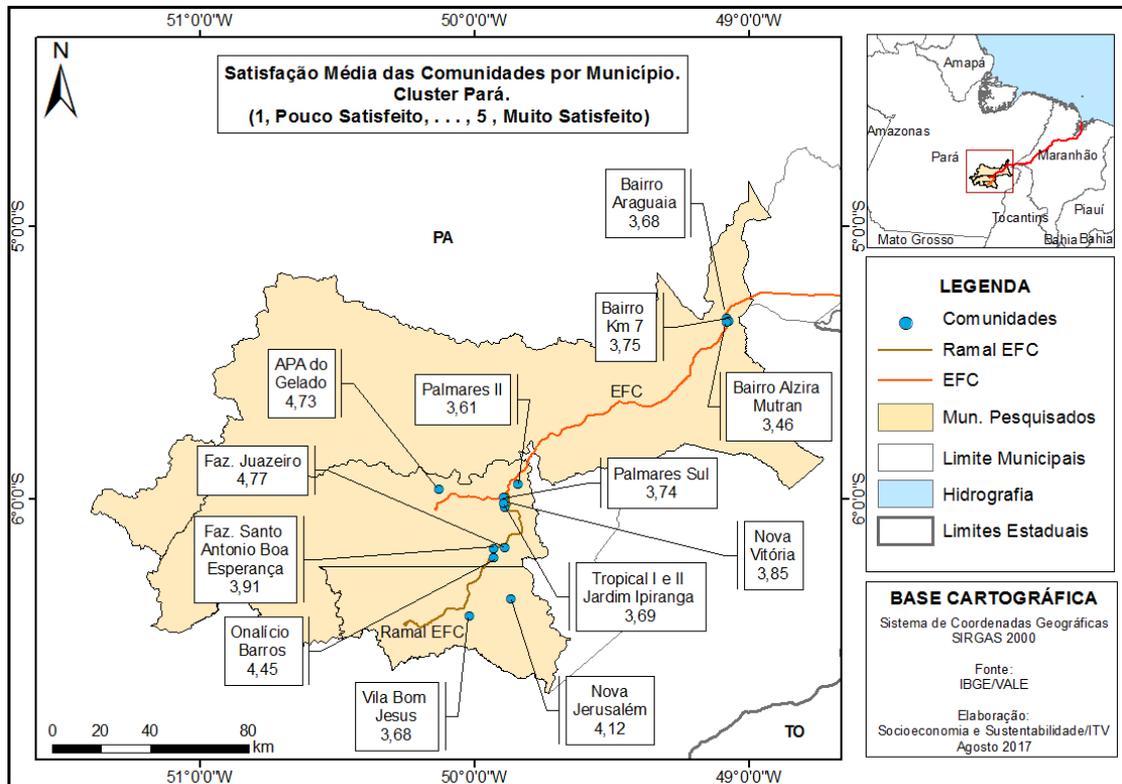


Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

As comunidades avaliadas nesta análise, no total de 49, sendo 13 no estado do Pará e 36 no estado do Maranhão estão distribuídas por *clusters*. No *cluster* do estado do Pará estão os municípios de Canã dos Carajás, Parauapebas e Marabá, compreendendo 13 comunidades, cujos indicadores de satisfação são os

apresentados na Figura 5 (anexo II), cujos destaques são a comunidade de Fazenda Juazeiros e APA do Gelado, com escores de satisfação de 4,77 e 4,73 pontos na escala de medida, respectivamente.

Figura 4 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC no cluster do Pará.

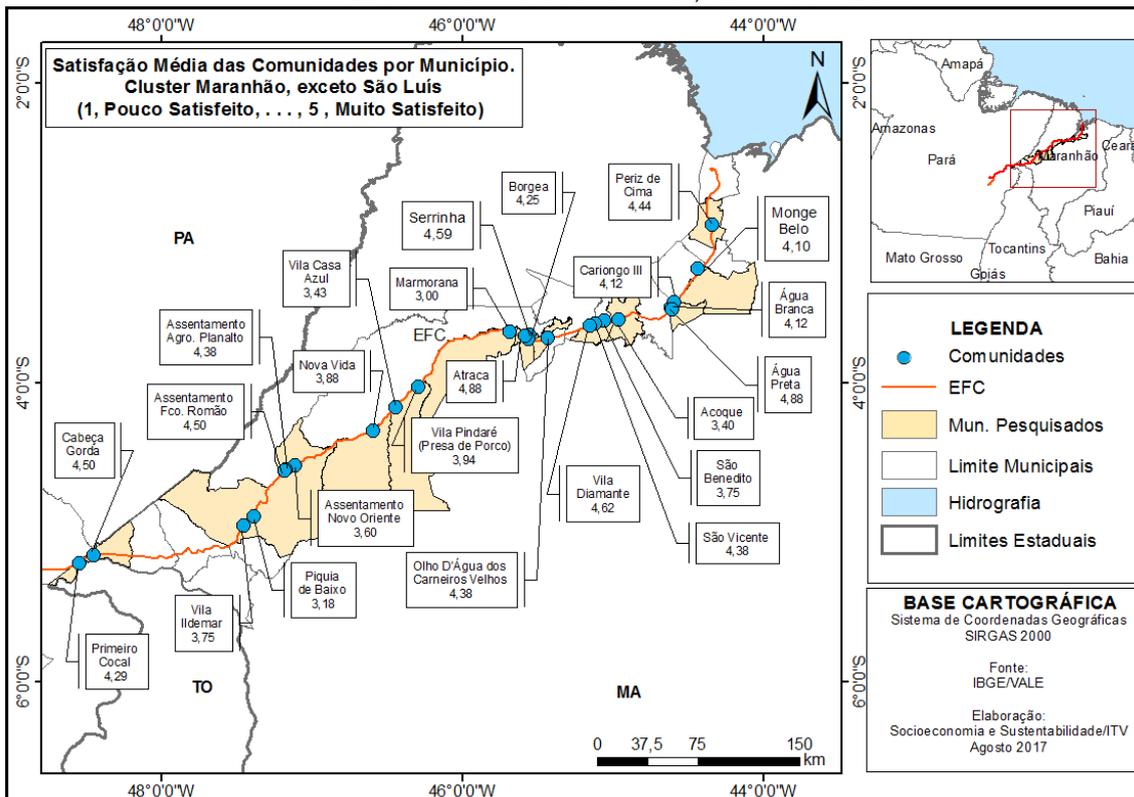


Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

Na Figura 6 (anexo III) estão demonstradas as comunidades do *cluster* do Maranhão, com exceção de São Luis (no total de 24 comunidades), com os seus respectivos escores de satisfação média, cujos destaques são: a comunidade Atraca (no município de Tufilândia), com 4,88 pontos de satisfação média, e Água Preta (no município de Miranda do Norte (também com 4,88 pontos de escore)). Entretanto, as comunidades de Marmorana e Piquiá de Baixo, em Alto Alegre do Pindaré e Açailândia, apresentam os escores de 3,00 e 3,18 pontos, respectivamente. É importante frisar que o município de Alto Alegre do Pindaré também apresenta o maior número de conflitos na EFC e apresenta a probabilidade de 90% de eclosão de insatisfação comunitária (conflito) em relação à Ferrovia.

Figura 5 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município

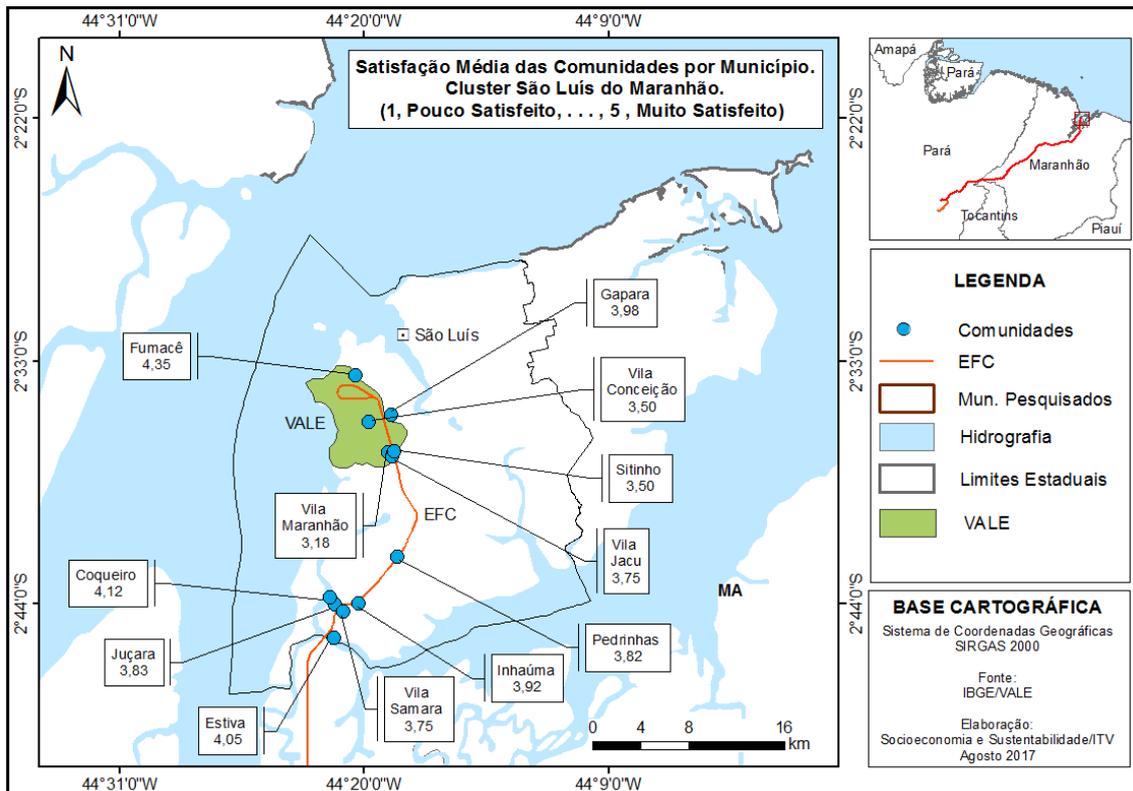
da EFC no cluster do Maranhão, exceto São Luís.



Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

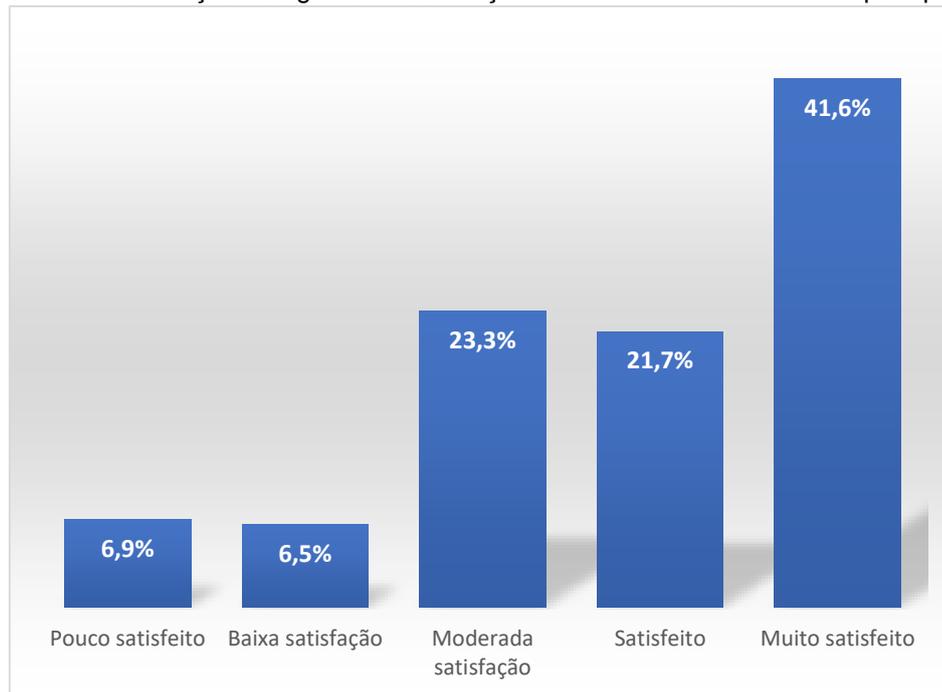
No *cluster* de São Luís, contendo 12 comunidades, cujas aglomerações humanas estão situadas em área adensada e com presença industrial, as comunidades de Fumacê e Coqueiro apresentam as maiores pontuações médias de satisfação, cujos escores são 4,35 e 4,12, respectivamente Figura 7 (Anexo D).

Figura 6 - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, da EFC, no cluster de São Luís do Maranhão.



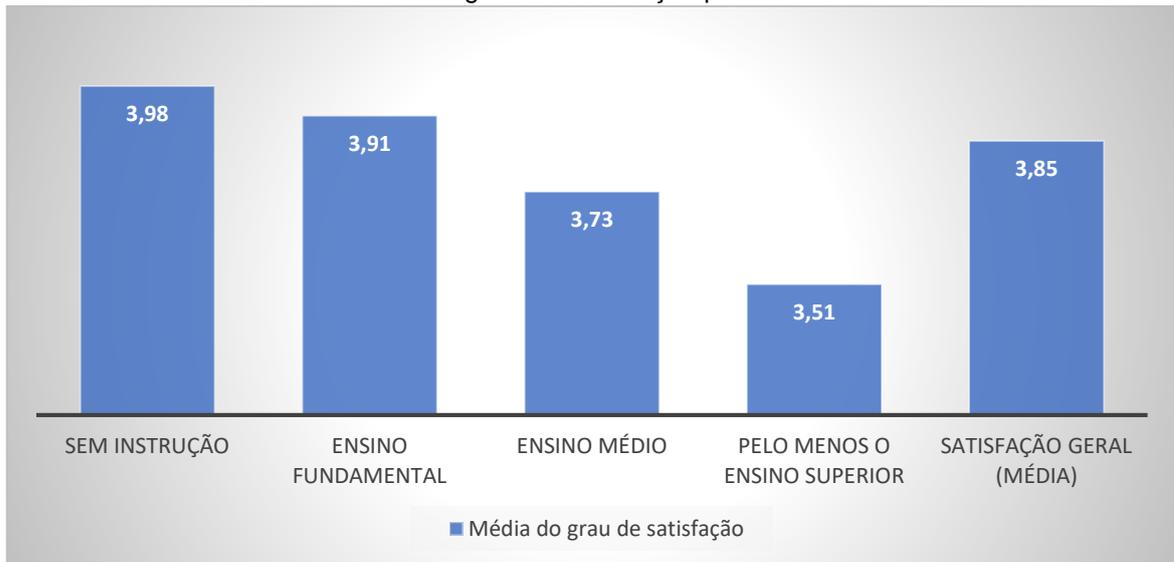
Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

Morar nas imediações da Estrada de Ferro Carajás representa como observado na pesquisa de campo ‘a última fronteira de sobrevivência’ para várias famílias dos estados do Pará e Maranhão, pois há uma evidência do distanciamento entre o governo e as comunidades. Este fato é observado por vários comunitários. Por isso, há uma nítida declaração de satisfação das comunidades quando é feita a pergunta ‘qual o grau de satisfação com a sua vida na comunidade?’. O Gráfico 1 representa as respostas, em termos percentuais, da amostra de 1.906 residências, em que, aproximadamente, 87% declararam pelo menos uma satisfação moderada com a vida na comunidade (e 21,7% se declararam ‘satisfeitos’ e 41,6% ‘muito satisfeitos’).

Gráfico 1 - Distribuição dos graus de satisfação com a vida na comunidade por tipologia

Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

Já os entrevistados que declararam ter alguma fonte de renda apresentam um grau de satisfação 7,5% superior aos que não têm fonte de renda, cujas médias de 'graus de satisfação' são 3,86 pontos e 3,59 pontos, respectivamente. Dito de outra forma, possuir uma fonte de renda e ter cursado até o ensino fundamental significa graus mais altos de satisfação. Ainda se pode perceber uma correlação linear negativa entre escolaridade e satisfação, ou seja, um aumento no nível de escolaridade acarreta uma queda no grau de satisfação, enquanto que a média do grau de satisfação das comunidades da Estrada de Ferro Carajás é de 3,85 pontos. Vale lembrar, que além dos esforços quanto à erradicação do analfabetismo patrocinado pelas instituições que atuam na Ferrovia, ainda persistem comunitários sem instrução, os quais representam 13%, /aproximadamente, conforme demonstra o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Médias dos graus de satisfação por nível de escolaridade

Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

De modo complementar, até o nível 3 de satisfação (pouco satisfeito + baixa satisfação + moderada satisfação) há uma tendência de aumento da renda total média da família (cujos valores mensais, a preços de agosto de 2017, são de R\$ 1.216,00; R\$ 1.335,00; R\$ 1.408,00, respectivamente), refletindo o quanto os programas de governo, especialmente o Federal, agregam de renda as unidades familiares pesquisadas e projetos e ações patrocinados pela Ferrovia; nos níveis de satisfação 4 e 5 a renda tende a cair (de R\$ 1.310,00 para a categoria dos que declararam 'satisfeitos' e R\$ 1.238,00 para a categoria dos 'muito satisfeito'), já que nestas faixas as famílias não têm fácil acesso aos programas de benefícios sociais de governo.

Por outro lado, a correlação linear negativa observada entre 'grau de satisfação com a vida na comunidade' e ruído proporcionado pelo barulho do trem, quando distribuída por nível de escolaridade, apresenta os resultados demonstrados no Gráfico 3, onde se observam graus de satisfação declinantes à medida que aumenta o nível de ruído e o grau de escolaridade.

Gráfico 3 - Grau de satisfação por escolaridade e nível de ruído do trem.

Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

Para as populações locais, morar nas adjacências da Ferrovia é uma garantia de acesso a melhores condições de bem-estar objetivo, o qual é proporcionado pelas oportunidades de emprego, geração de renda, empreendimentos de negócios, direta ou indiretamente, obtenção de utensílios domésticos e acesso a comunicação, por isso na percepção da amostra analisada o grau de satisfação é influenciado positivamente pelo fator Ferrovia, pois os que declararam que já tiveram ou têm acesso a emprego oferecido pela Ferrovia apresentam grau de satisfação de 3,98 pontos contra 3,81 pontos dos que não tiveram acesso a estas oportunidades.

Como disse um comunitário da EFC ‘a nossa casa é sagrada, pois ela é o nosso único lugar’, o que reflete o quanto ter um lugar para morar tem se tornado um direito pético. Apenas 16,4% dos entrevistados responderam que a casa que estavam morando não é própria (é alugada ou cedida) e que 83,6% afirmaram que a propriedade que a família mora é própria. Quanto ao grau de satisfação com a vida na comunidade, os que responderam que a casa é própria atribuíram escore médio de 3,86 pontos em contraposição ao escore médio de 3,79 pontos dos que moram em casa na condição de alugada ou cedida.

A participação dos comunitários em grupos religiosos se constitui em uma categoria que eleva os escores de satisfação da população em residir paralelamente à Ferrovia, pois os que fazem parte de algum grupo religioso atribuíram um escore de 3,98 versus 3,78 atribuído pelo grupo oposto. O Gráfico 4 apresenta um painel de resultados nas duas tipologias, demonstrando a influência da participação do comunitário em grupo religioso em relação ao grau de satisfação com a vida na comunidade. Assim, em todas as tipologias dos níveis de educação a categoria dos

que afirmaram ter participação em grupo religioso declararam escores de satisfação superiores ao grupo dos que não fazem parte de grupo religioso.

Gráfico 4 - Grau de satisfação por escolaridade e grupo religioso



Fonte: Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade/ITV, 2018.

A participação do comunitário em grupo religioso associado aos aspectos de tranquilidade e segurança em morar na comunidade permite a atribuição de escores de percepção da satisfação média com a vida na comunidade mais altos, em torno de 4,24 pontos, contrapondo-se a intranquilidade do local, que apresentou um escore de 3,66 pontos, cujo resultado está aquém da média de satisfação das comunidades da EFC (3,85 pontos de escore), enquanto que, o grau médio de satisfação com a vida na comunidade, produto da associação das variáveis 'fazer parte de grupo religioso e ter como aspectos positivos a família, os amigos e vizinhos, conduz a percepção de 4,01 pontos.

6 CONCLUSÃO

Com esse trabalho, buscou-se analisar a satisfação das comunidades que residem ao longo da Estrada de Ferro Carajás (EFC), com base em metodologias, utilização de programas estatísticas e referenciais teóricos adequados.

Um *survey* com 1.906 residências foi aplicado, composto de questões sobre migração das famílias para o entorno da Ferrovia; características do domicílio (englobando emprego, composição da renda, acesso aos programas sociais e condições de moradia); conhecimentos e vocações socioeconômicas (práticas e habilidades para o trabalho); avaliação da vida na comunidade (aspectos positivos e negativos em morar no local); percepção da comunidade em relação à Ferrovia de Carajás (aspectos positivos e negativos da Ferrovia, uso do trem como meio de transporte, presença de acidentes na Ferrovia, gestão e problemas relacionados ao barulho e vibração e oportunidades de geração de emprego e renda patrocinada pela Ferrovia); perfil do entrevistado e o quão estão satisfeito com a sua vida na comunidade.

O *survey* foi elaborado com uma escala Likert variando no intervalo de 1 (pouco satisfeito) a 5 (muito satisfeito), permitindo responder à pergunta de pesquisa “Quais as variáveis que influenciam a satisfação com a vida na comunidade?”. Pergunta essa, que está inserida no do questionário aplicado ao longo da EFC e com o suporte de pelo ao menos cinquenta variáveis foi possível determinar quais delas têm relação de causa e efeito sobre a satisfação. Demonstrando grande eficiência da metodologia para a análise aplicada.

O indicador médio de satisfação alcançado nessa pesquisa foi de 3,85 pontos, cujos fatores são: escolaridade, renda, ruído, ferrovia, moradia, religião, tranquilidade e relação com familiares e vizinhança. As variáveis relacionadas com o constructo ‘Efeito socioeconômico’ são duas: escolaridade e renda. Para o ‘Efeito mineração’, outras duas variáveis mostram esse efeito, elas são: ruído e ferrovia. Já para os ‘Efeitos pétreos’, estão relacionadas a moradia, religião, tranquilidade e relação com familiares e vizinhança.

O modelo de causa e efeito utilizado para a avaliar o grau de satisfação nas comunidades ao longo da EFC, aqui denominado de neurosocioeconômico, permitiu determinar o quão satisfeitas estão as comunidades estudadas. Sendo a comunidade Atraca e Água Preta as mais satisfeitas, com escores de satisfação de 4,88 pontos na

escala de medida. Entretanto, as comunidades de Marmorana e Piquiá de Baixo, localizadas no município de Alto Alegre do Pindaré e Açailândia, apresentam os escores mais baixos de 3,00 e 3,18 pontos na escala de medida, respectivamente. É importante frisar que o município de Alto Alegre do Pindaré também apresenta o maior número de conflitos na EFC e apresenta a probabilidade de 90% de eclosão de insatisfação comunitária (conflito socioeconômico) em relação à Ferrovia.

As variáveis abordadas estão em consonância com a literatura vigente sobre o tema, ou seja, a explicação da satisfação pela ótica objetiva e subjetiva. Mesmo com este esforço de pesquisa, é importante se salientar a necessidade de investigações sociais com o uso de métodos multivariados que possibilitem analisar as variáveis que contribuem para explicar a felicidade das pessoas, permitindo ampliar as dimensões objetivas e subjetivas da satisfação humana.

Além do que, é importante se salientar a proteção socioeconômica das comunidades da EFC, a qual é traduzida pelos comunitários de forma resumida: “moço quem protege a gente aqui é o bolsa família, a aposentadoria e a Vale”. Esta afirmação foi modelada e comprovada na relação múltipla entre a variável satisfação e demais variáveis explicativas. Portanto, este tipo de manifestação popular é uma das fortes expressões das comunidades da Ferrovia, as quais percebem que as suas vidas estão nas mãos de poucos. Este é o sentimento da satisfação, quiçá da felicidade!

REFERÊNCIAS

ADAMS, T.; BEZNER, J.; STEINHARDT, M. The conceptualization and measurement of perceived wellness: Integrating balance across and within dimensions. **American Journal of Health Promotion**, v. 11, p. 208-218. 1997.

ANSPAUGH, D.; HAMRICK, M.; ROSATO, F. **Wellness: Concepts and Applications** 6th ed. Boston: McGraw Hill, 2004. (Wellness and Fitness for life).

ARGYLE, M. **The psychology of happiness**. London: Methuen, 1987.

ARGYLE, M.; MARTIN, M. The psychological causes of happiness. In.: STRACK, F.; ARGYLE, M.; SCHWARZ, N. **Subjective well-being**. Great Britain: Pergamon Press, 1991.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família. 2a ed.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARRINDELL, W. A.; LUTEIJN, F. Similarity between intimate partners for personality traits as related to individual levels of satisfaction with life. **Personality and Individual Differences**, 28, 629-637. 2000.

BENTHAM, J. **Principles of morals and legislation**. Kitchener: Batoche Books, 1871.

BISWAS-DIENER, R.; VITTERSO, J.; DIENER, E. Most people are pretty happy, but there is cultural variation. **Journal of Happiness Studies**, v. 6, p. 205-226. 2005.

BRICKMAN, P.; COATES, D.; JANOFF-BULMAN, R. Lottery winners and accident victims: Is happiness relative? **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 36, p. 917-927. 1978.

BRUNI, L.; PORTA, P. L. Introduction. In: BRUNI, Luigino; PORTA, Pier Luigi (Eds.). **Handbook on the Economics of Happiness**. Cheltenham: Edward Elgar, 2007.

BRUNI, L.; ZAMAGNI, S. **Economia Civil: eficiencia, equidade, felicidade pública**. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2010.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P. E.; RODGERS, W. L. **The quality of American life: perceptions, evaluations and satisfactions**. New York: Russell Sage Foundation, 1976.

CAMPBELL, J.D. 'Self-esteem and clarity of the self-concept', **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 59, p. 538-549. 1990.

CASULO, M. M. Evaluación del bienestar psicológico. **Cadernos de Evaluación Psicológica: Evaluación del bienestar psicológico en IberoAmerica**, n. 1, p.11-29. 2002.

CHAN, R.; JOSEPH, S. Dimensions of personality, domains of aspiration, and subjective well-being. **Personality and Individual Differences**, n. 28, p. 347-354. 2000.

COHEN, A.B. **The importance of spirituality in the well-being of Jews.** [s.l.; s.n.], 2002.

COOPER, K. H. An aerobics conditioning program for the Fort Worth, Texas, School District. **Research Quarterly**, v. 46, n. 3, p. 345-350. 1975.

COOPERSMITH, S. **The Antecedents of Self-Esteem.** San Francisco: W. H. Freeman, [1967].

CORBIN, C. B.; PANGRAZI, R. P. Toward a uniform definition of wellness. **ERIC – Institute of Education Sciences**. v. 3, n. 15, dez. 2001.

COSTA JR., P. T.; WIDIGER, T. A. Introduction. In.: COSTA JR., P. T.; WIDIGER, T. A. (Orgs.). **Personality disorders and the Five-Factor Model of Personality.** Whashington, DC: American Psychological Association, 1993. p.1-10.

CROCKER, J.; MAJOR, B. 'Social stigma and self-esteem: The self-protective properties of stigma', **Psychological Review**, n. 96, p. 608-630. 1989.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade.** São Paulo: Saraiva, 1992.

_____. **A descoberta do fluxo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DESTENO, D.; PETTY, R. G.; WEGENER, D. T.; RUCKER, D. D. Beyond valence in the perception of likelihood: The role of emotion specificity. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 78, p. 397-416. 2000.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v. 95, n. 3, p. 542-575. 1984.

_____. Subjective well-being: The science of happiness, and a proposal for a national index. **American Psychologist**, n. 55, p. 34-43. 2000.

_____. Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. **Applied Research in Quality of Life**, n. 1, p. 151-157. 2006. doi:10.1007/s11482-006-9007-x.

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. **Social Indicators Research**, n. 57, p. 119-169. 2002.

DIENER, E. *et al.* The Psychic Costs of Intense Positive Affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 61, n. 3, p. 492-503. 1991.

DIENER, E.; LUCAS, R.; SCOLLON, C. N. Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. **American psychologist**, n. 61, p. 305–314. 2006.

DIENER, E. *et al.* Intensity and frequency: Dimensions underlying positive and negative affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 48, p. 1253-1265. 1985.

DIENER, E. *et al.* Subjective well-being: Three decades of progress. **Psychological Bulletin**, v. 125, n. 2, p. 276-302. 1999.

DIENER, E. *et al.* New Measures of Well-Being: Flourishing and Positive and Negative Feelings. In.: DIENER, E. (Ed.). **Assessing Well-Being: The Collected Works of Ed Diener.** [s.l.]: Springer, 2009. DOI 10, 1007/978-90-481-2354-4.12. (Social Indicators Research Series 39)

DUNNING, D.; LEUENBERGER, A.; SHERMAN, D. A. A new look at motivated inference: Are self-serving theories of success a product of motivational forces? **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 69, p. 58-68. 1995.

II Expedição; Grupo de Socioeconomia e Sustentabilidade, Instituto Tecnológico Vale, Belém: ITV, 2017

EPSTEIN, S. (1973). 'The self-concept revisited or a theory of a theory', **American Psychologist** 5, p. 404-416.

FREDERICK, S.; LOEWENSTEIN, G. F. Hedonic adaptation. In.: KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Eds.). **Well-being: The foundations of hedonic psychology.** New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 302–329

FREDRICKSON, B. Updated Thinking on Positivity Ratios. **American Psychologist.** v. 68, n. 9, p. 814-822. dez. 2013. Doi: 10.1037/a0033584

FREEDMAN, J. L. **Happy people: What Happiness is, Who has it, and Why.** New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978.

FREIRE, S. A. **Bem-Estar Subjetivo e Metas de Vida: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade.** 2001. 141 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2001.

FREY, B. S. **Happiness: A Revolution in Economics.** Cambridge, MA: The MIT Press, 2008.

FREY, B. S.; STUTZER, A. Happiness, economy and institutions. **The Economic Journal**, n. 110, p. 918–938. 2000.

_____. What Can Economists Learn from Happiness Research? **Journal of Economic Literature**, v. 40, n. 2, p. 402-435, jun. 2002.

FRUMKIN, H. *et al.* Climate change: The public health response. **American Journal and Public Health**, v. 98, n. 3, p. 435-445. 2008.

GABLE, S. L.; HAIDT, J. What (and why) is Positive Psychology? **Review of General Psychology**, v. 9, n. 2, p. 103-110. 2005.

GARDNER, C. **The Pursuit of Happiness.** Cambridge, MA: [s.l.], 1992.

GIANNETTI, E. **Felicidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONÇALVES, S. M. M.; PEREIRA, C. A. A. **Mais afinal o que é felicidade? Ou, quão importantes são as relações interpessoais na concepção de felicidade entre adolescentes?** 2006. 356 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2007.

GREEN, W. H. *Econometric analysis*. New Jersey: Pearce Education. **Economic Review**, v. 84, n. 3, p. 600-621. 2003.

HALES, D. **An Invitation to Health**. 11. ed. Belmont, CA: Thomson & Wadsworth, 2005. (An Invitation to Health for the Twenty-First Century)

HATCH, R. L. *et al.* The Spiritual Involvement and Beliefs Scale: Development and testing of a new instrument. **The Journal of Family Practice**, v. 46, n. 6, p. 476-484. 1998.

HELLIWELL, J. F. Well-being, Social Capital and Public Policy: What's New? **NBER Working Paper Series**, n. 11807, 2005.

HELSON, H. **Adaptation-level theory**: An experimental and systematic approach to behavior. New York: Harper and Row, 1964.

HETTLER, B. Wellness promotion on a university campus. **Family and Community Health: Journal of Health Promotion and Maintenance**, v. 3, p. 77-95. 1980.

KURTZ, J. L.; WILSON, T. D.; GILBERT, D. T. Quantity versus uncertainty: When winning one prize is better than winning two. **Journal of Experimental Social Psychology**, n. 43, p. 979–985. 2007.

LALONDE, M. **A new perspective on the health of Canadians**: A working document. Ottawa, ON: Minister of Supply and Services Canada. 1981.

LAYARD, Richard. **Happiness**: Lessons from a New Science. Grã-Bretanha: Allen Lane, 2005.

LUCAS, R. E. *et al.* Reexamining adaptation and the set point model of happiness: Reactions to changes in marital status. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 84, p. 527–539. 2003.

MARKUS, H. R.; S. KITAYAMA. Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. **Psychological Review**, n. 98, p. 224-253. 1991.

MILLER, G.; FOSTER, L. T. **Critical synthesis of wellness literature**. [s.l.]: University of Victoria, 2010.

MYERS, D. G. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MYERS, D. G.; DIENER, E. Who is happy? **Psychological Science**, v. 6, p. 10-19. 1995.

NORRISH, J.; VELLA-BRODRICK, D. Is the study of happiness a worthy scientific pursuit? **Social indicators research**, n. 87, 393-407. 2008.

ORGANIZAÇÃO para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **How's Life? 2015**: Measuring Well-being. Paris: OECD Publishing, 2015.

PARDUCCI, A. **Happiness, Pleasure, and Judgment**: The Contextual Theory and its Applications. Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

PARGAMENT, K. I. The psychology of religion and spirituality? Yes and no. **The International Journal for the Psychology of Religion**, v. 9, n. 1, p. 3-16. 1999.

PATTERSON, J. M. The role of family meanings in adaptation to chronic illness and disability. In.: Patterson, J. M.; Turnbull, A. P.; Behr, S. K. (Eds.). **Cognitive coping, families, and disability**. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing, 1993. p. 221-238.

PEREIRA, C. A. A. **Respostas a 13 perguntas sobre felicidade**. Manuscrito de 7 páginas (não publicado), 1995.

_____. Um panorama histórico-conceitual acerca das subdimensões da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 49, n. 4, p. 32-48. 1997.

PEREIRA, C. A. A.; ENGELMANN, A. Um estudo da qualidade de vida universitária no trabalho entre docentes da UFRJ. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 45, n. 4, p. 12-48. 1993.

PERSSON, T.; TABELLINI, G. Is inequality harmful for growth? **American Research Digest**. v. 3, n. 15. 1994.

REICH, J. W. e ZAUTRA, A. Life events and personal causation: Some relationships with satisfaction and distress. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 41, p. 1002-1012. 1981.

RENGER, R. F. *et al.* Optimal Living Profile: An inventory to assess health and wellness. **American Journal of Health Promotion**, v. 24, n. 6, p. 403-412. 2000.

RIIS, J. *et al.* Ignorance of hedonic adaptation to hemodialysis: A study using ecological momentary assessment. **Journal of Experimental Psychology**. n.134, p. 3-9. 2005.

RODRIGUES, D. M; PEREIRA, C. A. A. The control perception as source of well-being. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 3, p. 541-556, dez. 2007.

ROSENBERG, M. **Society and the Adolescent Self-Image**. Princeton: Princeton University Press, 1965.

RUSSELL, B. The conquest of happiness. London: Horace Liveright. Salovey, P., HSEE, C.K., & MAYER, J.D. (1993). **Emotional intelligence**. 1930.

RYFF, C. D.; SINGER, B. H. Best news yet on the six-factor model of well-being. **Social Science Research**, n. 35, p. 1103-1119. 2006.

SCHIMMACK, U.; OISHI, S.; DIENER, E. Individualism: A valid and important dimension of cultural differences between nations. **Personality and Social Psychology Review**, v. 9, n. 1, p. 17-31. 2005.

SCHREIBER, C. A.; KAHNEMAN, D. Determinants of the remembered utility of aversive sounds. **Journal of Experimental Psychology: General**, n. 129, p. 27-42. 2000.

SCHULZ, R.; DECKER, S. (Long-term adjustment to physical disability: The role of social support, perceived control, and self-blame. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 48, p. 1162-1172. 1985.

SEAWARD, B. L. **Managing stress: Principles and strategies for health and wellbeing**. 2. ed. Boston, MA: Jones and Bartlett Publishers, 1997.

SELIGMAN, M. E. P. **Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment**. New York: Free Press, 2002.

_____. **Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para realização permanente**. Tradução de Neuza Capelo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SELIGMAN, M. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: An Introduction. **AMERICAN PSYCHOLOGIST**, v. 55, n. 1, p. 5-14. 2000.

SEN, A. **Sobre ética e economia**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **The standard of living**. Cambridge: Cambridge University, 2000.

_____. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SMITH, D. M. *et al.* **The dark side of hope**: Lack of adaptation to temporary versus permanent colostomy. Manuscript in preparation, Carnegie Mellon University, Pittsburgh, PA. 2008.

STANTON, E. A. **The human development index: A history**. Amherst, MA: Department of Economics at the University of Massachusetts, 2007. (Working paper series 127)

SUH, E.; DIENER, E; FUJITA, F. Events and subjective well-being: only recent events matter. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 70, n. 5, p. 1091-102. 1996.

TAYLOR, S. E.; BROWN, J. D. Illusion and well-being: A social psychological perspective on mental health', **Psychological Bulletin**, v. 103, p. 193-210. 1988.

TYC, V. L. Psychosocial adaptation of children and adolescents with limb deficiencies: A review. **Clinical Psychology Review**, n. 12, p. 275–291. 1992.

VEENHOVEN, R. Happiness in Hardship. In: BRUNI, L.; PORTA, P. L. (Eds.). **Economics & Happiness: framing the analysis**. New York: Oxford University Press, 2005.

WESTGATE, C. E. Spiritual wellness and depression. **Journal of Counseling and Development**, n. 75, p. 26-35. 1996.

WILSON, T. D. *et al.* Focalism: A source of durability bias in affective forecasting. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 78, p. 821–836. 2000.

WYLIE, R. C. **The self-concept**. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1979. v. 2.

ANEXO

Anexo A - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC

Estado	Município onde a comunidade está inserida	Grau de satisfação média
Pará	Canãa dos Carajás	3,88
	Parauapebas	3,78
	Marabá	3,68
Maranhão	Tufilândia	4,50
	Bacabeira	4,45
	Pindaré Mirim	4,38
	São Pedro da Água Branca	4,36
	Igarapé do Meio	4,35
	Miranda do Norte	4,12
	Itapecuru Mirim	4,10
	Bom Jesus das Selvas	3,88
	São Luis	3,84
	Buriticupu	3,78
	Açailândia	3,76
	Vitória do Mearim	3,40
	Alto Alegre do Pindaré	3,00
	Média global	3,85

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Anexo B - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC no *cluster* do Pará.

Estado	Município	Comunidade	Satisfação média
Pará	Canãa dos Carajás	Nova Jerusalém	4,12
		Vila Bom Jesus	3,68
	Parauapebas	Fazenda Juazeiro	4,77
		APA do Gelado	4,73
		Onalício Barros	4,45
		Fazenda Santo Antônio Boa Esperança	3,91
		Nova Vitória	3,85
		Palmares Sul	3,74
		Tropical I e II e Jardim Ipiranga	3,69
	Marabá	Palmares II	3,61
		Bairro Km 7	3,75
		Bairro Araguaia	3,68
		Bairro Alzira Mutran	3,46

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Anexo C - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, por município da EFC no *cluster* do Maranhão, exceto São Luis.

Estado	Município	Comunidade	Satisfação média
Maranhão	São Pedro da Água Branca	Cabeça Gorda	4,50
		Primeiro Cocal	4,29
	Açailândia	Assentamento Novo Oriente	3,60
		Vila Ildemar	3,75
		Piquiá de Baixo	3,18
		Assentamento Fco. Romão	4,50
		Assentamento Agro Planalto	4,38
	Bom Jesus das Selvas	Nova Vida	3,88
	Buriticupu	Vila Pindaré (Presa de Porco)	3,94
		Vila Casa Azul	3,43
	Alto Alegre do Pindaré	Marmorana	3,00
	Tufilândia	Atraca	4,88
		Serrinha	4,59
		Borgea	4,25
	Pindaré Mirim	Olho D'água dos C. Velhos	4,38
	Igarapé do Meio	Vila Diamante	4,62
		São Vicente	4,38
		São Benedito	3,75
	Vitória do Mearim	Acoque	3,40
	Miranda do Norte	Água Preta	4,88
		Água Branca	4,12
		Cariongo III	4,12
	Itapecuru Mirim	Monge Belo	4,10
	Bacabeira	Periz de Cima	4,44

Fonte: Pesquisa de Campo.

Anexo D - Grau de satisfação média com a vida na comunidade, da EFC, no *cluster* de São Luís, do Maranhão.

Estado	Município	Comunidade	Satisfação média
Maranhão	São Luis	Vila Maranhão	3,18
		Juçara	3,83
		Estiva	4,05
		Vila Samara	3,75
		Inhaúma	3,92
		Coqueiro	4,12
		Pedrinhas	3,82
		Vila Jacu	3,75
		Sitinho	3,50
		Vila Conceição	3,50
		Gapara	3,98
		Fumacê	4,35

Fonte: Pesquisa de Campo.

Anexo E - Survey da II Expedição à Estrada de Ferro Carajás: realidade e percepção das comunidades

Frente

 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico		II Expedição à Estrada de Ferro Carajás: realidade e percepção das comunidades Pará e Maranhão/2017		SURVEY	
		Código			
		Pesquisador			
		Data col.			
		Localidade			
		Latitude (S)			
		Longitude (O)			
1. Migração					
1.1 Onde você nasceu?		1 Localidade (Quad. A.3)	2 Município (Quad. A.2)	3 UF (Quad. A.1)	1.1
1.2 Qual a data de chegada nesta localidade		1 Ano (AAAA)			1.2
1.3 Se residia fora desta localidade, qual o motivo da mudança?		1 Motivo da mudança (Quad. A.4)			1.4
2. Características do domicílio					
2.1 Quantas pessoas residem neste domicílio?		1 Adultos	2 Crianças e jovens (<18 anos)	2.1	1 2
2.2 Quantas?		1 Trabalham	2 Estudam	3 Desempregados	4 Com benefícios sociais
		2.2	1 2 3 4	2.2	1 2 3 4
2.3 Quais benefícios sociais?		1 Bolsa família <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2 BPC <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	3 Auxílio-doença <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	4 Aposentadoria <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim
		5 Outro <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2.3	1 2 3 4 5	2.3
2.4 Qual o nível educacional mais elevado da família?		1 Última série concluída (Quad. A.6)			
		2.4			
2.5 Quais equipamentos o seu domicílio dispõe?		1 Geladeira <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2 Freezer <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	3 Fogão a gás <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	4 Ventilador <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim
		5 Ar condicionado <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2.5	1 2 3 4 5	2.5
		6 TV <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	7 Rádio <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	8 Aparelho de som <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	9 Computador <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim
		10 Celular <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2.5	6 7 8 9 10	2.5
		11 Bicicleta <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	12 Motocicleta <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	13 Automóvel <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	14 Barco <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim
		15 Máq. de costura <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2.5	11 12 13 14 15	2.5
2.6 Renda formal		R\$/mês	2.7.1 Renda não monetária (pesca, roça, horta, criação de animais, etc) <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	R\$/mês	2.6
2.7 Renda informal		R\$/mês	2.7	1 2	2.7
2.8 Qual a condição da sua propriedade?		1 Resposta <input type="checkbox"/> 1 Própria <input type="checkbox"/> 2 Alugada <input type="checkbox"/> 3 Cedida <input type="checkbox"/> 4 Outra			
		2.8			1
2.9 Condições sanitárias		<input type="checkbox"/> 1 Rede de esgoto pública	<input type="checkbox"/> 2 Fossa séptica	<input type="checkbox"/> 3 A céu aberto	<input type="checkbox"/> 4 Rio ou córrego
		<input type="checkbox"/> 5 Não identificada	2.9		1
2.10 Abastecimento de água		<input type="checkbox"/> 1 Rede pública	<input type="checkbox"/> 2 Poço ou nascente	<input type="checkbox"/> 3 Rio ou açude	<input type="checkbox"/> 4 Cisterna
		<input type="checkbox"/> 5 Carro-pipa	2.10		1
2.11 Energia elétrica		<input type="checkbox"/> 1 Não tem	<input type="checkbox"/> 2 Gerador	<input type="checkbox"/> 3 Rede pública com medidor	<input type="checkbox"/> 4 Rede pública sem medidor
		<input type="checkbox"/> 5 Não identificada	2.11		1
3. Conhecimentos e vocações socioeconômicas (práticas e habilidades)					
3.1 Com o que você sabe trabalhar?		1.	3.1	1 2	3.1
3.2 Com o que você gostaria de trabalhar?		2.			
4. Avaliação da vida na comunidade					
4.1 Você pretende continuar morando nesta comunidade?		1 Resposta <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim			
		4.1			1
4.2 Cite pelo menos um aspecto que você GOSTA na comunidade?		1 Aspecto POSITIVO 1			
		4.2			1
		2 Aspecto POSITIVO 2			2
4.3 Cite pelo menos um aspecto que você NÃO GOSTA na comunidade?		1 Aspecto NEGATIVO 1			
		4.3			1
		2 Aspecto NEGATIVO 2			2
4.4 Você faz parte de alguma associação?		1 Cooperativa <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2 Sindicato <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	3 Grupo religioso <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	4 Associação <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim
		5 Clube recreativo <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	4.4	1 2 3 4 5	4.4
		6 Partido político <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	7 Outros <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	8 Qual?	6 7 8
4.5 Você utiliza redes sociais?		1 Nenhuma <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	2 Whatsapp <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	3 Facebook <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim	4 Outra <input type="checkbox"/> 0 Não <input type="checkbox"/> 1 Sim
		3.1 Qual?	4.5	1 2 3 4	4.5
4.6 Qual o grau de satisfação com a sua vida na comunidade?		1 Grau de satisfação (1=pouco satisfeito ... 5=muito satisfeito) <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5			
		4.6			1

Fonte: Equipe de Socioeconomia e sustentabilidade – ITV/DS, 2017.

